



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS — UFAL  
CAMPUS A.C. SIMÕES  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES/ICHCA  
CURSO DE TEATRO/LICENCIATURA

VERÔNICA MATIAS LIMA

**ECOS DO GRITO DA GUERREIRA DANDARA DO QUILOMBO DOS PALMARES:  
INSPIRAÇÃO À POESIA RITMADA**

MACEIÓ

2023

Verônica Matias Lima

**ECOS DO GRITO DA GUERREIRA DANDARA DO QUILOMBO DOS PALMARES:  
INSPIRAÇÃO À POESIA RITMADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciada em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes/ICHCA.

Orientadora: Profa. Dra. Telma César Cavalcanti

Coorientadora: Profa. Ms. Joelma Ferreira da Silva

MACEIÓ

2023

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto – CRB - 4 – 1588

L732e Lima, Verônica Matias.

Ecos do grito da guerreira Dandara do Quilombo dos  
Palmares : inspiração à poesia ritmada / Verônica Matias  
Lima. – 2023.

71 f.:il.

Orientador: Telma César Cavalcanti.

Coorientador: Joelma Ferreira da Silva

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 55-58.

1. Literatura de cordel . 2. Cordel. 3. Teatro. I. Título

CDU: 398.51

## DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa principalmente à minha avó, Amara Maria da Conceição, que me encantou com o poder de sua fala poética. Mas, ela é também direcionada para todas as mulheres silenciadas ou extremamente apagadas da história, assim como Dandara.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a energia que me rege, a natureza e seus mistérios que me trouxeram até esse lugar.

Agradeço também a minha avó Amara Maria da Conceição, hoje com 93 anos e uma sabedoria que corresponde a sua idade, por ter me contado tantas histórias de “trancoso” (cordel), sem ela, nada disso seria possível.

Ver meu pai, João Lima, tocar triângulo e pandeiro no final de tarde durante a minha infância, ouvir minha mãe, Maria José, cantando um folheto de cordel nos seus afazeres domésticos, descansando na cadeira de balanço ou junto a minha vó, presenciar minha irmã, Mônica Lima, nas suas apresentações de Hip-Hop e ouvir as batalhas de rap nos eventos, contribuiu muito para a artista que vem se moldando em mim há 27 anos, por isso agradeço.

Me sinto eternamente grata pela inspiração na licenciatura à Profa. Ms. Lilian Soares de Figueredo Nunes, principalmente por demonstrar sem perceber o quanto ama o que faz através da sua dedicação nas aulas e em projetos artísticos na disciplina de literatura portuguesa, além da poesia que exalava simplesmente pelo o que era em suas aulas.

Gratidão ao prof. Ms. Elielson Carlos de Oliveira, meu antigo professor de arte que me chamou após uma apresentação da Lilian, em sua sala de coordenação, e disse que via potencial em mim para o Teatro, convidando-me para um de seus projetos.

Agradeço com todas as lágrimas de carinho ao professor Dr. André Luís Bonfim Sousa, meu ex professor de filosofia, mas que é tantas personas em uma. Participar do coro que ele regia, na fase em que me encontrava, salvou literalmente minha vida. E, até hoje, tenho oportunidades de trabalharmos juntos a arte que nos une: a música e o Teatro. Pois, além de professor de filosofia, é músico e regente.

Sou grata pelas aulas da Profa. Dra. Lara Barbosa Couto que, no período pandêmico, na disciplina de Pesquisa Orientada, me ajudou a trilhar o início desse trabalho e também por ser tão preocupada aos sentimentos dos alunos em sala de aula, me sentia abraçada em todo começo de aula em que ela perguntava como estava cada aluno e no final quando a via anotar em seu caderninho nossas sugestões e sensações da aula. A terei sempre como inspiração.

Agradeço com todo meu coração, o carinho e atenção do Prof. Dr. Marcelo Gianini por me acalmar durante a escrita, tentar me ajudar com minha ansiedade, pelo livro emprestado, por também salvar minha vida na academia e ser amigo além de professor, me inspirando e dando forças durante todo o curso.

Sou grata à minha orientadora Profa. Dra. Telma César Cavalcanti, por me fazer lembrar das minhas raízes através de suas aulas tão bem articuladas que me faziam esquecer tudo que

existia fora dali até que a própria dissesse que havia chegado ao fim. E, principalmente, por aceitar o convite para me orientar nesta pesquisa com todo seu conhecimento imenso dentro da cultura popular, minha eterna admiração por todo seu trabalho.

Com muita felicidade, agradeço a Profa. Ms. Joelma Ferreira da Silva que chegou para finalizar esse trabalho com a voz que eu precisava e a segurança que me faltava para seguir os trilhos dessa pesquisa.

Agradeço ter cruzado o caminho do meu grande amigo Davi Couto, que me enxergou grande quando pequena me via e escutou os meus sonhos me fazendo acreditar ser capaz de realizá-los, me aconselhando e incentivando principalmente a faculdade. Todas nossas trocas deixaram resquícios de reflexões que se rasgaram e remendaram com o tempo, voaram e se perderam, se encontram e se tornaram o que somos hoje.

Não poderia esquecer do meu amigo, Israel da Silva Oliveira, que me presenteou com o livro Mulheres Quilombolas e sem ele eu nem chegaria perto do que foi elaborado. Construir nossa amizade partilhando o mesmo processo na Universidade, me trouxe força e incentivo para todos os dias tentarmos uma nova rotina acadêmica de escrita juntos.

No meio de todo percurso, sou eternamente grata a minha parceira Leticia Bruna Gomes da Silva, que me ajudou de inúmeras formas, inclusive emprestando seu computador, pois o meu quebrou na metade do processo. Fora todas as colaborações ao me explicar ou aprender junto comigo as regras acadêmicas que eram confusas demais no momento. Todo seu apoio e motivação diária para que eu lembrasse da minha força foi essencial para cada levantar e seguir o dia tentando. De estudante de Letras/Inglês foi consumida pelo mundo artístico e se fez arte até a finalização de todo trabalho. Sem ela, eu nem estaria aqui agradecendo a ninguém agora.

Agradeço ao meu amigo, artista multifacetado Francisco José Neves do Nascimento, que, de uma amizade virtual em um período pandêmico, se fez presente em muitas áreas das minhas produções artísticas desse trabalho com todo talento e carinho que ele tem de sobra, doando seu tempo e escuta para cada detalhe que, para mim, era importante. Serei eternamente grata por ter compartilhado de sua arte comigo.

Gratidão a toda ajuda de bom grado da minha amiga mística, atriz de grande potencial e irmã de signo, Aryelli Evely da Silva, que acompanhou de longe e de perto todas as minhas versões durante o processo de escrita e produção, cuidando e ouvindo minhas reclamações e felicitações diárias em cada etapa que concluía.

Por fim, agradeço as oportunidades que a PROEST me ofereceu no decorrer de todo curso, pois fui contemplada com a bolsa BPG e a Residência Universitária. Recursos que me possibilitaram permanecer e finalizar a graduação.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta a trajetória do meu processo de criação artística através da interpretação de um cordel da minha autoria, cuja narrativa é inspirada na figura de Dandara, mulher negra, líder de batalhas travadas pela liberdade de seu povo, refugiada no Quilombo dos Palmares. De natureza exploratória, toma como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica e a escrita de cordel na estrutura de sextilha. Para o estudo acerca da literatura de cordel, utilizei os referenciais de Silva e Tomácio (2014), Nóbrega (2019), Queiroz (2006), e Amaral Filho (2013). Diante da escassez de referenciais historiográficos sobre Dandara, recorri às obras ficcionais de Jarid Arraes (2016) e Leonardo Chalub (2021). Os resultados da pesquisa apontaram para o apagamento da figura de Dandara na historiografia, sendo este um dos temas explorados no processo de criação artística que resultou na escrita e canto de um cordel original. Entendo que esse estudo pode vir a ser uma contribuição à visibilidade dessa figura feminina que integrou a história de União dos Palmares e, ao mesmo tempo, através da narrativa poética e por meio da literatura de cordel, levantar uma perspectiva crítica sobre a invisibilidade dessa mulher em meio a história oficial, escrita, em via de regra, por homens. Representa o início de uma jornada repleta de desafios e composta de muitas possibilidades de exploração para disseminação da literatura de cordel de forma mais ampla no contexto educativo.

**Palavras-chave:** Teatro; Dandara; cordel; mulher; cultura.

## ABSTRACT

This final paper presents the trajectory of my artistic creation process through the interpretation of a cordel of my own authorship, whose narrative is inspired by the figure of Dandara, black woman, leader of battles fought for the freedom of her people, a refugee in the Quilombo dos Palmares. This exploratory work has as its methodological instrument the bibliographical research and the writing of cordel in the sextile structure. For the study about cordel literature, I used the references of Silva and Tomácio (2014), Nóbrega (2019), Queiroz (2006), and Amaral Filho (2013). Given the scarcity of historiographical references on Dandara, I resorted to the fictional works of Jarid Arraes (2016) and Leonardo Chalub (2021). I understand that this study may be a contribution to the visibility of this female figure who integrated the history of União dos Palmares and, at the same time, through poetic narrative and cordel literature, raises a critical perspective on the invisibility of this woman in the midst of official history, written, as a rule, by men. Thus, I concluded that the result of this research, besides the written text and the cordel transcribed in the fourth section, also presents a video in which the cordel will be sung. The recording refers to the second part of the rhythmic poetry, entitled Echoes of the cry of the warrior Dandara from Quilombo dos Palmares, which emphasizes the topics that are inspired by the figure of Dandara. Finally, I believe that this work represents the beginning of a journey full of challenges and composed of many possibilities of exploration for the dissemination of Cordel literature more broadly in the educational context.

**Keywords:** Theater; Dandara; cordel; woman; culture

## SUMÁRIO

<b>1. O INÍCIO DE UMA JORNADA.....</b>	<b>8</b>
<b>2. ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS DO CORDEL NO BRASIL</b>	<b>12</b>
<b>3. QUEM FOI DANDARA DOS PALMARES? .....</b>	<b>19</b>
3.1 O apagamento de Dandara numa sociedade marcada pelo poder patriarcal .....	21
3.2 O papel da mulher na produção alimentícia dos quilombos.....	22
3.3 O lugar da mulher nas questões religiosas e sua influência nos quilombos .....	24
3.4 A luta diária da mulher negra na favela .....	26
<b>4. PROCESSO DE CRIAÇÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>5. RESULTADO CRIATIVO .....</b>	<b>33</b>
<b>6. O FIM DE UM NOVO COMEÇO .....</b>	<b>52</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>8. REGISTROS DO PROCESSO.....</b>	<b>60</b>
APÊNDICE A – RASCUNHOS DOS DESENHOS PARA A PRODUÇÃO DA COLCHA	60
APÊNDICE B – PRODUÇÃO DA COLCHA DE RETALHOS .....	60
APÊNDICE C – PREPARAÇÃO CORPORAL PARA A ENCENAÇÃO.....	60
APÊNDICE D – PREPARAÇÃO VOCAL PARA A ENCENAÇÃO .....	61
APÊNDICE E – TINGIMENTO DA COLCHA DE RETALHOS COM CAFÉ.....	61
APÊNDICE F – COSTURA E PINTURA DA COLCHA DE RETALHOS .....	61
APÊNDICE G – CENÁRIO E GRAVAÇÃO DAS CENAS .....	62
APÊNDICE H – GRAVAÇÃO VOCAL/INSTRUMENTAL DO CORDEL .....	62
APÊNDICE I – GRAVAÇÃO AUDIOVISUAL DO CORDEL .....	62
APÊNDICE J – ENTREVISTA: AMARA MARIA DA CONCEIÇÃO 19/11/2022 .....	63

## 1. O INÍCIO DE UMA JORNADA

Este trabalho de conclusão de curso apresenta a trajetória do meu processo de criação artística em uma faculdade pública, a Universidade Federal de Alagoas, no curso de Teatro Licenciatura, curso este que tem como PPC (Projeto Político Curricular) as dimensões que envolvem a cultura da tradição popular alagoana. O trabalho toma como ponto de partida o estudo sobre a literatura de cordel visando a criação de um cordel inédito, que será por mim interpretado, cuja narrativa busca inspiração na figura de Dandara, mulher negra, líder de batalhas travadas pela liberdade de seu povo, refugiada no Quilombo dos Palmares (situado onde hoje está localizada a cidade de União dos Palmares/AL).

O cordel se faz presente na minha vida desde muito nova, cresci ouvindo os folhetos que minha avó Amara Maria da Conceição comprava. Histórias como a de *João Grilo, O cachorro e o gato, Josina, a menina perdida*, foram responsáveis por marcar a minha infância. Mas a primeira vez que percebi que gostava desse tipo de leitura foi no ensino médio. Achei o livro *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin* no meio das literaturas da biblioteca da minha antiga escola, levei para casa e li para minha vó. Ela gostou tanto que me pediu para comprá-lo, achei em um sebo na internet e, até hoje, volto a ler para ela. Depois desse acontecimento, comecei a ver a literatura de cordel com um olhar mais maduro, pois comecei a notar que os versos rimados iam além de uma leitura engraçada. Percebi que através do cordel era possível fazer críticas sociais ao mesmo tempo que costumes e riquezas nordestinas eram enaltecidos.

Já na faculdade, na disciplina de Projetos Integradores 1, fui apresentada ao guerreiro, folguedo da tradição popular alagoana. Nessa disciplina, criamos um grupo de guerreiro intitulado Mensageiros da Alegria que trabalhou o entremeio do Índio Peri, onde fiz a personagem de rainha que contracenava diretamente com o mesmo. O texto desse folguedo tem uma escrita ritmada que me chamou atenção e, provavelmente, foi isso que me fez ter interesse pela atividade proposta na disciplina. A professora da disciplina, Telma César, perguntou se eu já tinha visto o guerreiro e eu disse que não, mas que escutei muito cordel.

Com a paralisação das aulas em decorrência da pandemia da COVID – 19<sup>1</sup> e a saudade de sentir a arte presencialmente, gravei a recitação de um cordel e postei nas redes sociais. Escrevi, mesmo sem entender de métrica, o método de rimar os versos com a ajuda da minha mãe enquanto ia escrevendo no caderno. Ela também tem facilidade com a rima e me ajudava a lembrar de alguns fatos. Assim fiz um cordel para a minha vó. Em seguida, surgiu o edital

---

<sup>1</sup> Informações sobre a Covid-19 podem ser obtidas no site do ministério da Saúde: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>.

Banese, um projeto no qual o Instituto Banese e a Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas buscavam manter e divulgar a tradição cultural alagoana em meio a paralisação dos trabalhos produzidos pelos artistas populares devido ao período pandêmico. A seleção contemplava vídeos inéditos em diversas linguagens artísticas: Música, Teatro, Circo, Dança, Artes Visuais, Literatura (leitura, contação de história, recitação), Audiovisual, Artes Integradas, Expressões Culturais Populares, entre outras. Então recorri ao cordel para a minha inscrição e produzi um vídeo caseiro recitando versos autorais e de outros autores, obtendo a aprovação.

Na disciplina Pesquisa Orientada, ministrada pela Profa. Lara Couto, decidi que pesquisaria o cordel no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Já na disciplina de Projetos Integradores 5, ministrada pela Profa. Telma César, nos foi solicitado a realização de um inventário pessoal, no qual deveríamos buscar localizar nossas relações com as manifestações da cultura de tradição popular em nossas vidas.

Esse inventário seria utilizado como um dispositivo para encontrarmos um ponto de partida ou tema para iniciarmos um processo de criação. Poderíamos criar em qualquer linguagem artística, então retomei o cordel que havia escrito para a minha avó. Com a ajuda da professora Telma César, corrigi a métrica e comecei a entender que essa expressão poética, o cordel, fazia parte de mim e da minha história. A partir da experiência nessa disciplina, passei a entender a importância da minha história de vida no meu processo de formação como professora e como artista.

Mas por que contar a história de Dandara através do cordel? Primeiramente, porque Dandara também faz parte da minha história, da história do lugar onde nasci e vivi grande parte da minha vida, a cidade de União dos Palmares, em Alagoas.

Escutei o nome Dandara com atenção pela primeira vez na Serra da Barriga, local do Quilombo dos Palmares, onde, segundo relatos, ela residiu e resistiu até seu último dia de vida. Nessa visita em específico, que fiz com o grupo feminista no qual fiz parte durante o ensino médio, a guia se atentou em relatar que houve mulheres importantes presentes na luta dos quilombos. Dandara foi um dos nomes mencionados, e, como de costume, foi referenciada como “a esposa de Zumbi”. Ainda nesse grupo, no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), foi sugerida a ideia de uma apresentação na semana do dia 20 de novembro para dar visibilidade às mulheres negras. Cada pessoa tinha que escolher uma mulher negra e contar sua história, minha primeira opção foi Dandara dos Palmares e, para a minha decepção, na internet praticamente não havia informações para além do fato dela ter sido “esposa de Zumbi”. A mistura de indignação e curiosidade me fez apresentar o pouco que encontrei sobre ela.

Já na universidade, na disciplina Teatro de Animação, lecionada pelo Prof. José Acioli, construí a boneca dançante Dandara. Utilizei as referências da bonecaria que contam histórias, inclusive as de cordel, e tive a ideia de usar essa literatura para contar a história de Dandara e, por conseguinte, me aprofundar tanto no estudo das estruturas da escrita de cordel quanto na busca por referências sobre Dandara dos Palmares.

Desse modo, considero que esse trabalho de conclusão de curso sintetiza uma história de relações com o cordel e com Dandara que se iniciou no ensino médio e se estendeu pelas experiências nas disciplinas do curso de Teatro. Entendo que esse estudo pode ser uma contribuição à visibilidade dessa figura feminina que integrou a história de União dos Palmares e, ao mesmo tempo, através da narrativa poética e por meio da literatura de cordel, levantar uma perspectiva crítica sobre a invisibilidade dessa mulher em meio a história oficial, escrita, em via de regra, por homens.

Caminhar em direção à história de Dandara e situá-la como guerreira, para além de simplesmente “mulher de Zumbi”, é também um modo de entender minha trajetória com a cultura popular, sendo uma mulher não branca, nordestina e interiorana da cidade de União dos Palmares.

Para realização do estudo, recorri à pesquisa bibliográfica tanto na busca por referenciais documentais quanto fictícios sobre a história de Dandara, bem como, sobre a literatura de cordel. Dessa forma, utilizei os autores Silva e Tomácio (2014), Nóbrega (2019), Queiroz (2006), e Amaral Filho (2013). Explorei os livros fictícios: *As lendas de Dandara* escrito por Jarid Arraes (2016); *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* também de Jarid Arraes (2020) e *Dandara e a falange feminina de palmares* de Leonardo Chalub (2021). E, usei os trabalhos teóricos de Dealdina (2020), Araújo (2020) e Santos (2020). Por fim, ao fazer um levantamento na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), me deparei com oito trabalhos que se assemelham a minha linha de pesquisa no que se refere a utilização da literatura de cordel para a criação cênica. Entre os autores que trabalharam nesse processo de criação, estão: Zanotti (2012); Carvalho (2015); Pinheiro (2018); Lelis (2016); Monteiro (2008); Araponga (2011); Sales (2018) e Lima (2018). Assim, é possível classificar minha pesquisa como um trabalho exploratório.

Durante o processo de criação para a encenação do cordel, ao pôr em prática a escrita para a cena, surgiu o resultado de um monólogo introduzido por arranjos musicais de minha autoria até chegar na transição de uma espécie de clipe, onde a personagem cantava seu cordel com o acompanhamento de um triângulo e pandeiro. Essas inspirações surgiram da musicalidade trazida do meu pai durante toda a infância e a forma que ouvia minha mãe

cantar o cordel. Assim, em um único produto, todo o reflexo familiar artístico aparece em forma de cena.

Dado o exposto, o trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira seção, logo após a introdução, apresenta brevemente os aspectos históricos sobre a literatura de cordel no Brasil, assim como, aspectos estruturais dessa forma literária. A segunda seção apresenta tanto referenciais documentais quanto fictícios sobre a história de Dandara. A terceira seção trata sobre a metodologia utilizada neste estudo. A quarta seção expõe os resultados da pesquisa realizada através da escrita do cordel que é dividido em duas partes. A primeira se refere a transformação de toda escrita acadêmica da pesquisa em uma poesia ritmada e a outra sobre os ecos da vida de Dandara, sendo, esta última, a que constará do trabalho artístico gravado em vídeo, cujo link encontra-se na quarta seção. Por fim, apresento minhas considerações finais.

## 2. ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS DO CORDEL NO BRASIL

Segundo Paulo Geovane e Silva e Douglas Tomácio (2014), o cordel acompanhou a consolidação linguística da literatura brasileira, a qual deriva da cultura ibérica do século XVI e que ainda se faz presente atualmente. A região Nordeste é responsável pela disseminação e sobrevivência da literatura de cordel, não é à toa que foi onde a colonização portuguesa começou no país. Essa variação linguística ocupa um espaço distante da cultura erudita, principalmente por se tratar de um modo de falar denominado por Lélia de Almeida Gonzalez (1988) de pretoguês, a qual:

Nada mais é do que a marca de africanização do português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamava os escravos africanos de “pretos” e os nascidos no Brasil de “crioulos”) [...] com caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou o r, por exemplo). (GONZALEZ, 1988, p. 70).

Essa forma de falar se remete ao povo nordestino e, por consequência, ocupa poucos espaços de visibilidade, tornando o cordel um instrumento da cultura popular que permanece sobrevivendo e se recriando. De acordo com Silva e Tomácio:

É preciso notar que essa literatura, a despeito de toda a crítica marginalizante que recai sobre ela, foi importante para a consolidação dessa poética no Nordeste do Brasil, região por onde começou a colonização portuguesa no país, e onde ainda hoje sobrevive com grandeza e vivacidade as expressões oral e escrita de uma literatura popular representativa da cultura brasileira. (SILVA; TOMÁCIO, 2014, p. 46).

Para Silva e Tomácio (2014), a maioria das discussões a respeito da origem do cordel levam a acreditar que há bastante influência por parte da cultura ibérica. Os autores citam Manuel Diégues (1986), Maria José F. Londres (1983), Adriano da Gama Cury (1982) e Arnaldo Saraiva (1980), nomes que estão presentes na área investigativa seguindo a linha de pensamento de que a literatura de cordel tem sua identidade influenciada pela cultura ibérica. Silva e Tomácio (2014), pontuam que a cultura popular europeia é composta de várias manifestações literárias que se assemelham à literatura de cordel, porém esse fato não faz da cultura ibérica criadora dessa literatura. Os autores citados atestam apenas sua influência e ressaltam a colaboração portuguesa na produção dos folhetos de cordel no Brasil, pontuando que tais histórias europeias só chegaram e foram contadas, e até hoje recontadas, por consequências sustentadas pela língua portuguesa, recebendo dela referência no processo produtivo.

Do ponto de vista de Lindolfo Alves do Amaral Filho (2013), a grande variação de circunstâncias experienciadas pelos nordestinos possibilitou que fatos fossem registrados a partir dessas memórias divulgadas pela troca da fala e da escuta. Entre os mecanismos de disseminação do conhecimento, o autor destaca a literatura de cordel e relata que essa literatura passou a assumir um papel social de ressignificar ou de reverberar os fatos ocorridos porque, além de transmitir as informações em um movimento comunicativo direto e imediato, auxiliou também como uma das formas de alfabetização.

Para Silva e Tomácio (2014), o processo de alfabetização advindo de Portugal, demorou um pouco para chegar no Brasil. Por esse motivo, a tradição oral na literatura popular aderiu-se com mais facilidade na população brasileira, do mesmo modo que aconteceu em Portugal: em reuniões de família, que juntava todos os parentes e amigos em casa para as cantorias e leituras, os autores utilizam as palavras de Manuel Baltazar Pereira Diégues Júnior (1986) para relatar tais fatos. Prosseguem que o Nordeste, apesar de ter sido o primeiro espaço a ser colonizado pelos portugueses, também foi bastante afetado pelo analfabetismo. Contudo, existe um ponto que não pode ser desconsiderado. As famílias viviam muito distantes umas das outras e esse isolamento cultural, relacionado ao baixo número de alfabetizados na língua portuguesa, possivelmente teve função dominante na fixação da tradição oral onde a literatura de cordel encontra a sua origem, como também ou somando à cultura da oralidade africana. Pressuponho que essas maneiras de se comunicar sejam fruto da grande violência colonial no Brasil.

Na visão de Silva e Tomácio (2014), a oralidade no cordel começou a não ser tão necessária quando a impressão em papel se tornou mais presente na sociedade, porém isso não foi motivo para separar a literatura de cordel do hábito de cantá-lo. Tanto é que, até hoje, é possível encontrar cordelistas e vendedores usando a cantoria para chamar a atenção do público. Além disso, a leitura cantada dos versos colabora para a memorização do folheto, transmitindo assim as informações culturais que fazem parte da vivência.

Amaral Filho (2013), exemplifica algumas das temáticas apresentadas nos folhetos de cordel a partir da classificação de Ariano Suassuna, entre os temas estão os anti-heróis, que se enquadram nos assuntos cômicos, satíricos e pitorescos. A partir dessa classificação, o autor afirma que o poeta popular Leandro Gomes de Barros visou tratar de temas que ultrapassem a realidade histórica, permeando por fatos ocorridos no país e no exterior aos contos maravilhosos, do fanatismo religioso aos problemas ambientais e desfechos sociais. A forma que cada poeta aborda esses temas é bem individual, reafirmando que a literatura de cordel assume um compromisso com as causas que afetam a população, destacando que Leandro Gomes de Barros buscou possuir uma visão crítica do contexto social.

Presumo que por esse tipo de literatura ser um gênero textual produzido pelo povo, ela ainda enfrenta muito preconceito na sociedade, pois se trata de um gênero com referência popular que carrega marcas da literatura de cordel e traz traços da linguagem cotidiana a qual não é uniforme, e ainda, é composta de inúmeras variedades. A partir disso, surgem divergências entre a cultura intelectual e a cultura do povo nordestino. Por outro lado, além desses aspectos, identificamos que os principais cordelistas referência na literatura de cordel são homens brancos, e assim a escrita segue sendo regida pela sua perspectiva limitada em questões raciais.

Considerando dado da pesquisa do Censo do IBGE em 2010<sup>2</sup>, a população indígena no Nordeste era de 33,7%, e a população que se autodeclarou preta era de 7,6%. Em 2020, o governo Bolsonaro não realizou o Censo que deve ser realizado a cada dez anos para atualizar os dados étnico-raciais da população brasileira. Desse modo, trabalho a partir de agora com os dados de amostragem de 2022. Portanto, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (2022), a população que se autodeclara preta aumentou para 11,4%, enquanto a população indígena é incerta saber devido à falta de investimento do governo atuante entre 2019 - 2022 para a realização do Censo 2020. Em virtude do que foi exposto, acredito que com tantos distanciamentos da comprovação da existência de indígenas e miscigenação na negritude, é possível notar que a literatura de cordel enquanto descrição de características afro-brasileiras acabou sendo exposta nas mãos de homens brancos. No meu ponto de vista, é facilmente levada para uma escrita desvalorizada com a figura da mulher negra distorcida.

Em relação à construção da escrita do cordel, Nóbrega (2019) aponta os tipos de métricas existentes, que são: quadra, sextilha, setilha, décima, martelo agalopado e galope à beira-mar. A quadra, apesar de não ser mais tão usada atualmente, é indicada para a introdução infantil, uma vez que é composta de apenas quatro versos com sete sílabas poéticas (diferente da sílaba gramatical, a contagem da sílaba poética só é feita até a última sílaba tônica). Adicionando mais dois versos, têm-se a sextilha, a métrica mais comum dos cordéis, vista como a mais indicada para os iniciantes. A setilha possui sete estrofes de sete sílabas e a décima dez versos de sete sílabas. A décima é comum na produção do repente, por ser uma estrofe de dez versos de sete sílabas poéticas. No martelo agalopado, a estrofe deve ter dez versos de dez sílabas poéticas, sendo que cada verso tem que ter a acentuação tônica na terceira, sexta e na décima sílaba poética. Por fim, há o galope à beira-mar, o qual contém estrofes com dez versos

---

<sup>2</sup> De acordo com os dados atualizados do IBGE em 2023 referentes ao Censo 2022, a população indígena no Nordeste é de 31,22% e a população quilombola é de 68,19%.

de onze sílabas poéticas, com as tônicas na segunda, quinta, oitava e décima primeira sílaba poética.

De acordo com Francinete Fernandes de Sousa (2009), a Paraíba é o lugar de onde mais saíram poetas, cantadores e repentistas populares. Em sua pesquisa, Sousa produz uma cartografia com os principais poetas da literatura de cordel que em suas produções se fazia presente a imagem da mulher negra a partir do ponto de vista do poeta popular. Seguem alguns nomes e produções que se destacaram na história do cordel:

POETA	OBRA
Leandro Gomes de Barros (1865-1918)	<i>-Lampeão e a velha feiticeira</i>
João Martins de Athayde (1880-1959)	<i>-História da escrava Guiomar</i>
José Francisco Soares (1914-1981)	<i>-A negra de um peito só</i>
Manoel d'Almeida Filho (1914-1995)	<i>-A vitória de Floriano e a Negra Feiticeira</i>
Severino Borges da Silva (1919-1991)	<i>-A escrava Isaura</i>

Dados encontrados na cartografia realizada por Francinete Sousa, (2009).

Segundo Doralice Alves de Queiroz (2006), possivelmente o primeiro cordel publicado por uma mulher no Brasil, aconteceu no ano de 1938, escrito por Maria das Neves Pimentel Batista, filha do poeta e editor Francisco das Chagas Batista e esposa de Altino de Alencar Pimentel. A autora publicou o cordel “*O violino do diabo ou o valor da honestidade*”, assinando como Altino Alagoano, valendo-se do primeiro nome de seu marido, devido às repressões da época direcionadas à mulher, advinda de uma sociedade movida pelo poder patriarcal. Depois de Maria das Neves, só a partir de 1970 encontram-se dados de outras publicações femininas, como: Maria José de Oliveira, Josefa Maria dos Anjos e Yonne Rabello, que se intitulava “*Trovadora Pernambucana*”. Os empecilhos que eram encontrados para que uma mulher pudesse usar a caneta e o papel podem ter grande influência na forma que as mulheres eram descritas por homens em suas histórias. E a mulher negra, dentre tantas outras minorias, era um alvo de fácil acesso devido sua situação vulnerável em uma sociedade racista em que persiste até hoje.

Apesar das dificuldades de exaltação por algo de cunho popular, a literatura de cordel tem se multiplicado e se espalhado em diversos países. E por mais que não se movam esforços ou políticas públicas para sua divulgação e desenvolvimento, assim como outras manifestações populares, a literatura de cordel continua sendo um dos recursos utilizados, pelo povo nordestino, para expressar a cultura popular. Essa situação pode ser identificada pela forma de

sua propagação. Presumo que, atualmente, essa literatura está se mostrando presente de tal forma que deixou de alcançar somente o público popular e começou a emergir entre leitores de outras classes e meios sociais. Julgo considerar que os avanços tecnológicos e a grande contribuição da internet fizeram com que essa cultura ganhasse um espaço maior, visto que as redes sociais se tornaram ambientes de expressão artística, colaborando para a disseminação da famosa poesia ritmada.

O Instituto Brincante<sup>3</sup>, fundado por Antônio Nóbrega e Rosane Almeida, com “o propósito de unir objetivos artísticos aos pedagógicos em torno da cultura popular, é um espaço de reflexão e práticas educativas e artísticas na qual a literatura de cordel é um dos referenciais”. Nesse sentido, tem sido um polo divulgador do cordel como ferramenta educativa. Sobretudo com o afastamento social em fevereiro de 2020, em consequência da pandemia da COVID-19, o que fez o raio de alcance desse Instituto aumentar consideravelmente. Foram ofertados cursos, oficinas, espetáculos teatrais e *lives*<sup>4</sup>, dentre estes, o curso de poesia popular, ministrado por Antônio Nóbrega, no qual abordou o cordel e suas diversas formas de estruturação poética. Acredito que a diversidade do público acessado por meio das redes sociais possibilitou a construção de novos olhares para o reencontro de suas histórias pessoais, e, até mesmo, possibilitou a mudança de perspectiva sobre a cultura a qual pertence.

Ainda no contexto educacional da literatura de cordel, Francisco Diniz e Valentim Quaresma, são nomes em destaque quando se fala na disseminação do cordel na educação. Em 2007, o Projeto Cordel, criado por eles e patrocinado pelo Fundo Municipal de Cultura da cidade de João Pessoa-PB, chegou em 48 escolas distribuindo um total de 500 folhetos de cordel, além de apresentações artísticas e palestras educativas relacionadas ao tema. No website<sup>5</sup> do Projeto Cordel, é possível ter acesso a escrituras de cordel de vários artistas, além de poder aprender a escrever seu próprio cordel ou até mesmo contribuir para o projeto deixando seu trabalho lá publicado.

Na opinião de Amaral Filho (2013), o Teatro colaborou para a propagação da literatura de cordel. O autor cita Hermilo Borba Filho como um dos precursores dessa proposta de trabalho no ano de 1940. A partir dele vieram outros autores como Joaquim Cardoso e Ariano Suassuna, conquistando muito sucesso em o *Auto da compadecida*, apresentado em 1957 na cidade do Rio de Janeiro. Abaixo algumas obras produzidas a partir dos folhetos de cordel:

---

<sup>3</sup> Você pode ter acesso a informações sobre o Instituto brincante através do Instagram: @brincantenobrega; o site oficial: [www.institutobrincante.org.br](http://www.institutobrincante.org.br); YouTube: Instituto Brincante.

<sup>4</sup> Abril para artes: Instituto Brincante convida Marco Haurélio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AyaKBMfPYOo>.

<sup>5</sup> O website pode ser acessado através do seguinte link: [www.projetocordel.com.br](http://www.projetocordel.com.br).

AUTOR	OBRA	OBSERVAÇÃO
Ariano Suassuna	Auto da Compadecida (1955)	Utilizou do conteúdo de três folhetos
Francisco Pereira	Graça e Desgraça na casa de Engole-cobra (1957)	Utilizou do conteúdo de um folheto
Altimar Pimentel	Auto de Maria Mestra (1968)	Utilizou da estrutura do folheto
Aldomar Conrado	O Capeta em Caruaru (1968)	Trabalhou com várias fontes, inclusive o folheto
Jairo Lima	Lampeão no Inferno (1968)	Utilizou de um folheto
Orlando Sena	Os martírios de Rosa de Milão (1970)	Fez adaptação do folheto
Benvindo Sequeira	A moça que bateu na mãe e virou cachorra (1977)	Fez adaptação do folheto
Antonio do Amaral	O Matuto com o balaio de maxixi (1978)	Fez adaptação do folheto
Virgínia Lúcia Fonseca	A história da Coroa do Meio (1979)	Utilizou da estrutura do folheto
Racine Santos	As Aventuras de Pedro Malazartes (1986)	Utilizou de um folheto popular
Maria de Lourdes Ramalho	Romance do Conquistador (1991)	Texto inspirado na poesia popular
Clotilde Tavares	A Farsa dos Opostos (1992)	A poeta é personagem e utiliza versos em cena
Oswald Barroso	Dormir, talvez sonhar (2007)	Utilizou da estrutura do folheto

Informações retiradas e adaptadas de um quadro demonstrativo do cordel na dramaturgia a partir da catalogação feita por Amaral Filho, (2013).

Quando destacada a lista de autores e indo a fundo entre cada figura que trabalha a literatura de cordel com o Teatro, é possível notar que Virgínia Lúcia da Fonseca Menezes é a única pessoa negra que se encontra na tabela apresentada neste trabalho. Sabe-se que o presente estudo foca na escrita do cordel e não na encenação, mas é impossível não relacionar com Jarid

Arraes, quase que a única mulher negra cordelista que do meu ponto de vista recebe um pequeno destaque nessa área na atualidade. Arraes nasceu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 1991. Escritora, cordelista e poeta, é autora de *Redemoinho em dia quente* (Alfaguara 2019), vencedor do prêmio APCA na categoria contos/ crônicas; *um buraco com meu nome* (Ferina, 2018). Atualmente vive em São Paulo, onde criou o Clube de Escrita para Mulheres. Tem mais de setenta títulos publicados em literatura de cordel, incluindo a coleção *Heroínas Negras na história do Brasil*.

Por todos esses aspectos, é possível dizer que a literatura de cordel possui um papel muito importante na sociedade por favorecer o crescimento do conhecimento/reconhecimento dos costumes tradicionais nordestinos. Assim como sua escrita e oralidade se reinventam desde a sua origem, a sua utilização nos meios artísticos abrange camadas de interação e interpretação condizentes com a criatividade do indivíduo que se dispõe a estudar suas possibilidades.

### 3. QUEM FOI DANDARA DOS PALMARES?

Devido à escassez de material historiográfico ou registros históricos relacionado a Dandara dos Palmares, não encontrei dados de pesquisas acadêmicas que servissem como referência para encontrar a resposta que intitula esse capítulo<sup>6</sup>. O apagamento de Dandara é extremo, mas infelizmente comum.

Não é de se surpreender, mas sim de causar indignação a recorrência de histórias de mulheres anuladas em uma sociedade movida pelo poder patriarcal. Vale reforçar que por mais que escondam, queimem e tentem descartar, Dandara não foi, ela é. E, entre lendas e achismos, é por onde ela transita desde sua morte. No entanto, todas as leituras direcionadas à realização dessa pesquisa me levaram a lugares que representam a sua história, seja na oralidade, na favela ou no Quilombo. Conforme pode ser verificado nas palavras de Selma dos Santos Dealdina (2020) quando afirma que:

Toda mulher é um quilombo!... Somos mantenedoras do legado cultural, da preservação das danças, das rezas, das ladainhas, dos contos, do manuseio do capim dourado, dos assentos religiosos, do modo de fazer a farinha, o beiju, os doces típicos dos quilombos. (DEALDINA, 2020, p.37).

Quando se fala em Dandara dos Palmares, sou automaticamente levada para a Serra da Barriga, a qual hoje trata-se de um parque memorial que representa o ponto turístico da mais famosa comunidade quilombola do Brasil, o Quilombo dos Palmares. De acordo com Carlos Eduardo Nicolette (2015), o Quilombo surgiu no período que o Brasil ainda era colônia de Portugal, seu maior número de habitantes foi de 20 mil pessoas, possivelmente iniciou no ano de 1630 e foi completamente exterminado em 1710. De acordo com Valéria Pôrto dos Santos (2020), a ideia de que quilombos se referem a negros apartados da sociedade ou escravizados e refugiados é falsa, pois o processo de construção dos quilombos se tornou uma organização de sobrevivência social que extrai benefícios do próprio local para o desenvolvimento de práticas que favorecem os indivíduos que o ocupam.

Para Zezito de Araújo (2020), a fundação do Quilombo dos Palmares aconteceu por meio de trabalhadores e trabalhadoras nascidos na África e no Brasil. Entre eles havia Aqualtune, que foi responsável pela organização política e administrativa do Quilombo dos Palmares, e por este motivo pode vir a ser conhecida como fundadora do Quilombo. Nascida

---

<sup>6</sup> As pesquisas foram realizadas em sites acadêmicos como: BDTDI, periódicos CAPES, Google acadêmico e SCIELO.

no reino do Congo no período de 1483 a 1689, a guerreira não só participou de forma crucial no Quilombo como também deixou seu legado, ao ser responsável pela gestação de Ganga Zumba, primeiro grande líder do Quilombo dos Palmares que antecedeu Zumbi. Araújo (2020), alega que Zumbi dos Palmares, apontado como marido de Dandara, impôs várias derrotas ao exército português, além de ter como plano político a liberdade palmarina, acima de qualquer coisa. O autor afirma que Zumbi liderou o Quilombo dos Palmares por 17 anos até ser assassinado em 20 de novembro de 1695, na Serra Dois Irmãos, entre as cidades de Cajueiro e Viçosa/AL.

Além de Aqualtune, Araújo (2020) cita Dandara dos Palmares como outra presença feminina altamente importante em toda trajetória de resistência do Quilombo dos Palmares. Segundo o autor, em 1962, João Felício dos Santos deu forma a figura de Dandara no romance Ganga Zumba. Ele conta que seu nascimento ocorreu em Porto Calvo, como a maioria das mulheres quilombolas, e a descreve presente na linha de frente dos combates como braço direito de Zumbi, o aconselhando sobre as estratégias desenvolvidas no Quilombo.

Por mais que existam muitos questionamentos sobre a existência de Dandara, sua personalidade e feitos históricos são construídos a partir das visões de pesquisadores. Até na forma como optou morrer, segundo é descrito por Jarid Arraes, sob meu ponto de vista, identifiquei uma mulher com garra e coragem, pois o relato da autora diz que Dandara se suicidou no dia da invasão do Quilombo dos Palmares e Zumbi foi morto meses depois por Domingo Jorge Velho na cidade de Viçosa. Araújo (2020) ainda acrescenta que a forma que escolheu morrer, em nome da liberdade, a fez ser incluída no dia 27 de março de 2019, na lei 55/2017, no *Livro do Panteão e da Liberdade Tancredo Neves*. Para Arraes:

Dandara foi uma das líderes do Quilombo de Palmares, companheira de Zumbi e uma mulher que não se encaixava nos papéis femininos estabelecidos de sua época. Ninguém sabe muito bem onde Dandara nasceu e, pelo que se conta, sua morte aconteceu no momento em que Palmares foi invadido com grande repressão, no dia 06 de fevereiro de 1694. Dizem que, para não ser capturada, Dandara se jogou do alto de uma pedreira, preferindo a morte à escravidão. (ARRAES, 2016, p. 14).

Como dito anteriormente, escassas são as referências sobre Dandara. A descrição de Santos (2020) sobre o espaço da mulher quilombola na comunidade me faz refletir sobre a presença de Dandara através das histórias de outras mulheres. Me faz enxergar Dandara refletida não só nas vivências femininas, como também nas ferramentas da cultura afro-

brasileira que mantém viva a história de 54% da população brasileira<sup>7</sup>. É nessa direção que passo, assim, a traçar reflexões sobre a realidade atual em relação a aspectos que permeiam a vida da mulher quilombola, numa tentativa de espelhar/imaginar/elaborar Dandara em meio ao seu apagamento histórico.

### 3.1 O apagamento de Dandara numa sociedade marcada pelo poder patriarcal

A partir das referências do livro *Mulheres Quilombolas*, organizado por Selma dos Santos Dealdina, no ano de 2020, encontrei possibilidades e inspirações para relacionar vivências de outras personalidades femininas quilombolas com Dandara.

Nas palavras de Dealdina (2020), os saberes educacionais, sociais e políticos são disseminados aos mais novos através da oralidade. Pensando dessa forma, é importante salientar o peso que tem a fala da mulher dentro de um Quilombo, devido aos ensinamentos que carrega na oralidade, a mulher torna-se responsável por funções pouco valorizadas, mas de grande importância para o desenvolvimento da comunidade quilombola. Ela acrescenta que as mulheres quilombolas tecem os elementos forjadores da identidade cultural e política do quilombo e da representação da mulher negra quilombola:

[...] somos rezadeiras, raizeiras, benzedadeiras, parteiras, coveiras, líderes comunitárias, representantes associativas, estudantes, profissionais de diferentes áreas de trabalho, integrantes e lideranças de movimentos, guardiãs dos santos e das bandeiras das manifestações culturais, entre tantos outros muitos exemplos. (DEALDINA, 2020, p. 38)

Apesar da oralidade feminina, no contexto dos quilombos, carregar tamanha importância na produção e repasse do conhecimento coletivo, nas sociedades cosmopolitas contemporâneas, o meio de transmissão mais confiável para concretizar qualquer fato é a escrita. Nesse sentido, infere um dos possíveis principais fatores que suprimem a figura de Dandara dos registros históricos, o fato da dominação do homem na escrita histórica. Para Losandro Antonio Tedeschi (2016), por muito tempo essa era uma função exclusivamente masculina, raras vezes era permitido que mulheres pudessem sequer ler.

Atualmente, é possível encontrar autoras negras escrevendo sobre a história de mulheres negras. Um exemplo disso é Arraes (2020), ao ler seu livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, me deparei com a trajetória de vida de Na Agotimé. A autora conta que ela foi rainha de Daomé, hoje conhecido como Benin. Agotimé foi vendida como escrava e trazida para o

---

<sup>7</sup> Segundo dados do IBGE 2014, 54% da população do Brasil é negra.

Maranhão, com intuito de invalidar qualquer indício de poder que pertencia do local de onde veio, foi novamente nomeada e passou a se chamar Maria Jesuína. Mesmo que depois de muito sofrimento sua origem tenha sido comprovada, é lamentável que mulheres tão importantes tenham sido arrancadas do seu local de origem, tenham perdido suas identidades para viver em condições deploráveis. Talvez por se tratar de uma rainha, o interesse pelo seu passado tenha chamado atenção, mas onde foram parar as mulheres negras que nunca possuíram títulos? Aquelas que viveram apenas na sombra daqueles que contribuíram para o seu apagamento social?

### **3.2 O papel da mulher na produção alimentícia dos quilombos**

Entre as atividades executadas dentro de um Quilombo, as práticas rurais eram fundamentais para a alimentação da população. De acordo com Araújo (2020), os primeiros quilombolas de Palmares utilizavam o solo fértil de terra escura, rica em húmus e matéria orgânica para a plantação de legumes, feijão, batata, banana, milho, mandioca e cana-de-açúcar. Extraíam a polpa das palmeiras presentes na região e misturavam com farinha de mandioca para a alimentação da comunidade, ainda da polpa extraia-se o óleo para a iluminação e produção de manteiga. Além da alimentação, a produção alimentícia servia como negociação na troca de armas com os moradores que residiam nas proximidades. Produtos como o óleo de dendê, óleo de coco, vinho de palmeira, milho, feijão, mandioca e manteiga eram trocados por armas de fogo, pólvora, tecido, sal e ferramentas.

As formas tradicionais, comunitárias e familiares do cultivo da terra para o plantio são referências para a agroecologia atualmente. Santos (2020) acrescenta a importância que a agroecologia carrega por se tratar de uma ciência que valoriza o conhecimento da agricultura tradicional. Conhecimento esse descartado pelo agronegócio, o qual é a prática de agricultura moderna que domina a produção alimentícia nos tempos atuais, voltada apenas para o lucro. A ideologia do agronegócio se difere completamente dos princípios agroecológicos, visto que, a principal finalidade deste último é o bem-estar da população e não apenas a produção econômica.

No entanto, como muito bem colocado por Santos (2020), a segregação e hierarquização presente nas atividades rurais, em que o homem é colocado como protagonista dessa prática, alimenta essa ideia patriarcal que suprime as ações do campo realizadas pelas mulheres quilombolas, uma vez que utilizam de seus quintais e da roça para produzir e alimentar suas famílias.

Segundo a pesquisa de Pereira et al (2020), realizada nas comunidades quilombolas de Mari e Cedro, o protagonismo das mulheres é explícito nas várias atividades agrícolas, tirando o domínio masculino na agricultura. Isso inclui o preparo da terra para o cultivo, plantio, limpeza da roça, colheita, beneficiamento e armazenamento dos produtos. Além de pontuar que elas não deixam de lado seus afazeres domésticos e que as ações agrícolas só somam dentro das suas atividades diárias. Maria Cristina Cordeiro Lopes Pontes e Angela May Steward (2019) consideram que, para entender melhor esse papel feminino no Quilombo, é necessário entender o conceito de pluriatividade. Recorrem a Sergio Schneider (2003) para tal definição, o autor afirma que a pluriatividade se refere a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção.

Vale salientar que em ambos os quilombos, existem associações lideradas por mulheres, e esses espaços demonstram que além do campo, da casa e da vida pessoal, essas mulheres ocupam espaços políticos importantes na comunidade quilombola. Para Pereira et al. (2020), esse fator representa uma mudança positiva, visto que, historicamente, a participação feminina nas organizações é muito baixa e os homens ocupam cargos de poder.

Essa perspectiva do papel da mulher na agroecologia dos quilombos, me faz refletir sobre os lugares que Dandara ocupou no Quilombo dos Palmares enquanto mulher camponesa, pressuponho que naquela época havia a possibilidade de ter uma organização feminina que lutasse pela valorização dos seus trabalhos porque, de acordo com Genivaldo Bezerra Cavalcanti (2022):

Através de alguns relatos observamos a importância de várias mulheres ao comando das tribos africanas, em certas ocasiões decidindo os rumos políticos da sua comunidade e em outras de forma indireta. Conclui-se assim que as sociedades africanas não seguiam um padrão machista patriarcal, em muitas sociedades africanas as mulheres exerciam influência nas sociedades africanas. (Cavalcanti, 2022, p. 553).

Dessa forma, é possível enxergar Dandara como inspiração das organizações que se fundiram depois de sua possível existência.

A partir dos fatos mencionados, tomo como inspiração poética a visão de Dandara fazendo parte desse trabalho braçal da agricultura dos quilombos, do cuidado com o solo até o plantio, seguido da colheita e transformação da matéria em produtos e subprodutos, os quais permitiam a segurança dos quilombolas através da negociação por escambo para obter suas armas de defesa.

### 3.3 O lugar da mulher nas questões religiosas e sua influência nos quilombos

As lendas de Dandara, escritas por Jarid Arraes (2016), traz referência, ainda que fictícia, de quem seria Dandara dos Palmares. O livro apresenta características da cultura afro, a exemplo da Orixá Iansã que, segundo a autora, seria a mãe de Dandara. Por definição, orixá é “uma força pura, à se imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles” (VERGER, 2002, p. 3). Daniela Beny Polito Moraes (2018), relata que:

Iansã é uma deusa que toma o corpo do médium em transe para materializar o vento, a tempestade, o fogo e o raio. Tendo como referência estes fenômenos naturais, caracteriza-se que a personalidade de Iansã corresponde a uma pessoa intempestiva, corajosa, curiosa, inquieta e ativa, sendo ela adjetivada dessa maneira em vários de seus itans que relatam seus feitos. (MORAES, 2018, p. 127).

Segundo Arraes (2016), Iansã foi escolhida como mãe de Dandara porque, entre todos os orixás femininos, ela é aquela que melhor representa uma líder quilombola, como foi Dandara. A personagem, descrita no livro *As lendas de Dandara*, é protegida em toda sua trajetória na terra por Iansã, em todos os momentos que se coloca em lugares de perigo, Iansã se responsabiliza por livrá-la das armadilhas. Em cada atitude de Dandara, a autora enfatiza esse poder ancestral que traz sabedoria para suas escolhas em prol da proteção do Quilombo dos Palmares.

Em um trecho do livro, Jarid Arraes destaca uma situação em que Dandara atua como curandeira, utilizando ervas e palavras sagradas para curar uma pessoa ferida. Nessa perspectiva, consigo identificar a presença de mulheres entendedoras das propriedades curativas de ervas medicinais, enquanto figura portadora de um conhecimento que impõe respeito perante a comunidade que habita.

Claudia Santos da Silva (2009), discorre que as rezadeiras ou benzedadeiras possuem uma existência bastante antiga no Brasil, isto é, tem origem na cultura indígena e em particular na cultura africana, ou seja, desde o processo de colonização, pois, eram esses indivíduos que conheciam as ervas e as suas funcionalidades.

Na pesquisa realizada por Oliveira et al. (2016), intitulada *Conhecimento e Uso de Plantas Mediciniais por Usuários de Unidades Básicas de Saúde na Região de Colombo, PR*, a prevalência de utilização de plantas medicinais (72,28%) foi por pessoas do sexo feminino e com o passar do tempo esses ensinamentos foram disseminados para além das comunidades tradicionais e se espalharam na população brasileira. Atualmente, essa proximidade com os

conhecimentos de rezadeiras/benedeiras é com parentes mais velhos, com predominância da prática a partir das mulheres.

A residente palmarina, Amara Maria da Conceição, hoje com 93 anos de idade, possui saberes de cura que aprendeu com sua mãe que trouxe esses aprendizados da sua avó, e ainda lembra das rezas e das ervas medicinais que utilizava para tratar de enfermidades. Conta que por muitos anos era solicitada para benzer familiares e vizinhos da cidade de União dos Palmares:

[...] Eu curava o povo, o povo... tinha gente que chegava lá em casa quando eu morava ali naquela beira da pista, tinha um menino que jogava bola e ele saiu pra jogar bola, quando pensou que não já vieram e trouxeram ele numa bicicleta, que ele deu uma bolada e caiu, dirmentiu o pé, aí já vieram trazer ele em casa numa bicicleta, botaram ele na bicicleta e trouxeram, aí quando chegou lá o pai dele mandou ele lá pra casa pro mode eu orar, eu benzi o pé dele, apois quando foi de tarde ele mermo já veio caminhando... (CONCEIÇÃO, 2022).

Para a cura de torções, como ocorreu no relato acima, Conceição menciona a folha de *carrapateira*<sup>8</sup> para uso ritualístico, ela diz:

[...] a pessoa que tá com coisa quebrada, dirmitido, um pé ou uma mão, uma coisa, aí o oto, a pessoa que vai curar, pega a folha da carrapateira, pega a linha com uma agulha, pega a folha da carrapateira e dobra e bota em cima daquele canto que tá doendo, daquele lugar que tá dirmitiu, aí vai e diz assim, pergunta a pessoa e a pessoa respondendo, a pessoa diz o que é que eu coso, aí a dona da dor o dono da dor diz carne quebrada, perai... o que é que eu curo? A pessoa vai dizendo e a pessoa também, respondendo... o que é que eu curo? É carne quebrada, neivo torto, osso rendido, veia triada, carne machucada, sangue agitado, osso desconjuntado, assim mesmo eu coso, com os poderes de Deus que são virtuosos, aí costurando e costurando e puxando assim na linha assim, eu curava... aí reza um pai nosso, ave Maria, santa Maria e oferece a intenção das 5 chaves de nosso senhor Jesus Cristo, aí a pessoa quando é mais tarde já tá mais melhor. (CONCEIÇÃO, 2022).

Além da carrapateira, ela cita outras ervas que podem ser usadas em tratamentos curativos como por exemplo o *Jodá*<sup>9</sup> ou *muçambê*<sup>10</sup>, hortelã<sup>11</sup>, cravo<sup>12</sup> e canela<sup>13</sup> para fazer um xarope natural para aliviar os sintomas da tosse e inflamações de garganta no geral:

<sup>8</sup> A *Ricinus communis* L., conhecida popularmente como mamona, pé-de-mamona, mamoneira, carrapateira, carrapato [1] e rícino, é uma planta da família das euforbiáceas, originária da Ásia Meridional, e sua semente é conhecida como mamona ou carrapato.

<sup>9</sup> O juazeiro (*Zizinho joazeiro* Mart), também conhecido por joá, laranjeira-de-vaqueiro, juá-fruta, juá e juá-espinho, é uma árvore típica do Semiárido brasileiro.

<sup>10</sup> Muçambê (Cleome in.) Sinonímia: Sete-marias, mussambe-de-espinho, beijo-fedorento, mussambé-miúdo. Na forma de decoto, da raiz, uso popular contra: asma e bronquite.

<sup>11</sup> *Mentha spicata* (L.), a hortelã-verde ou menta, também conhecida como hortelã-de-leite, hortelã-das-cozinhas, hortelã-dos-temperos, hortelã-vulgar.

<sup>12</sup> *Syzygium aromaticum* (L.), comumente conhecido cravo-da-índia, é uma árvore de folha perene, da família das Mirtáceas.

<sup>13</sup> *Cinnamomum zeylanicum* Breyn, nomes populares: canela, canela-do-ceilão, canelaira-verdadeira, canela-da-índia, canela-de-tubo.

[...] bem pra... pra tosse é joá, quina-quina, pra fazer o lambedor de joá, de quina-quina, é ... muçambê... é pra tosse é bom, muçambê, o chá de muçambê me serve muito, tem uma fulôzinha branca, pra fazer o lambedor, é o joá e hortelã, se quiser botar uma flor de muçambê, e então açúcar, cravo e canela, é muito bom, um lambedor bem feito serve muito pra tosse pra arrancar o catarro. (CONCEIÇÃO, 2022).

A partir dos aspectos analisados, nota-se que as práticas culturais religiosas trazidas pelos povos indígenas e africanos se perpetuaram nas ações do cotidiano brasileiro por meio da miscigenação de ideias, adaptadas entre as religiões e propagadas para o uso curativo. A fé, como ponto de partida da execução, carrega o conhecimento empírico do uso da natureza para o tratamento de enfermidades.

### 3.4 A luta diária da mulher negra na favela

O livro *Dandara e a falange feminina de Palmares* de Leonardo Chalub, me trouxe Dandara enquanto mulher guerreira que ultrapassava as limitações do seu meio para conquistar o próprio espaço. Depois de mais de 300 anos, desde a queda do Quilombo e, possivelmente, da existência de Dandara, mulheres de pele retinta ainda nascem e crescem em ambientes que determinam um futuro repleto de limitações que, por consequência, obriga essas mulheres a continuarem em guerra pela própria sobrevivência, sem o direito de ocupar lugares políticos que colaborem para a mudança do quadro opressor que, nas taxas de feminicídio, mata 34,8% de mulheres negras por ano no Brasil (IBGE, 2020).

Parafraseando Kleiton Linhares (2015), a mulher negra permanece restringida ao papel social de servir seu corpo e o trabalho manual para casas de família, hoje em dia nomeada empregada doméstica e babá que tem como função uma reminiscência do papel de ama de leite ou mãe preta<sup>14</sup>. A partir dessa ideia de força e luta associada aos corpos femininos negros, localizo as problemáticas enfrentadas por essas mulheres nas favelas do Brasil. Como aponta Valdenice José Raimundo (2003):

Nas favelas, as relações sociais se estabelecem em torno das mulheres pelo fato de se agruparem através de pequenos trabalhos como vender doces e salgados, costuras, benzer ou “tirar olhado”, uma forma de solidariedade ditada pela região e pela família. (RAIMUNDO, 2003, p. 82).

Maria Carolina de Jesus é um exemplo de mulher negra, pobre e de favela que percorreu as camadas sociais e sofreu os impactos do racismo, apesar de ter acessado o mundo fora da

---

<sup>14</sup> As chamadas mães pretas não trabalhavam apenas para seus senhores. Quando não havia em suas propriedades uma cativa que tinha acabado de se tornar mãe, as famílias ricas recorriam ao aluguel de escravas lactantes. Essas mulheres trabalhavam como amas de leite para mais de uma família ao mesmo tempo.

comunidade. No dizer de José Carlos Gomes da Silva (2007), Carolina de Jesus teve acesso apenas às duas primeiras séries, trabalhou desde muito nova ocupando a função de doméstica em grande parte da sua vida. Chegou em São Paulo em 1937, quando os retirantes das secas, nordestinos e negros começaram a fazer parte do processo de industrialização paulistana. Carolina conseguiu chegar ao sucesso em 1960, mas faleceu em estado de pobreza por volta de 1977.

Direcionadas a trabalhos de pouca remuneração e muito esforço, essas mulheres ainda precisam lidar com as demandas do seu ambiente familiar, não tão distante da realidade das mulheres quilombolas, quando se trata de precisar exercer funções variadas para poder desviar do ciclo de submissão e desvalorização que foram colocadas. Pensando nesse contexto em que as mulheres negras estão inseridas, me deparo com um obstáculo ainda maior para que elas consigam ser reconhecidas na sociedade, o seu ingresso nas universidades públicas. Sousa et al. (2020), discorre sobre as dificuldades que mulheres quilombolas encontram para ingressar e permanecer na universidade, porque os empecilhos vão além de apenas ingressar, pois toda a margem de carência que rodeia a estrutura educacional ofertada a essas pessoas, retorna ainda mais carente quando se torna necessário acompanhar o ritmo acadêmico daqueles que cresceram em ambientes privilegiados.

De acordo com Gonzalez (2020), a inserção de negros e negras nas universidades trouxe um reforçamento para os debates sobre raça e gênero, proporcionado pelas políticas de acesso. Desse modo, o campo acadêmico passou a ter um novo perfil de ocupação de alunos fazendo com que o corpo discente produzisse ainda mais que uma diversidade social e racial. Para Gonzalez (2020):

As agendas de pesquisas estão sendo redefinidas pelas inquietações políticas e pelas trajetórias desse público jovem e negro oriundo de escolas públicas, e o advento e a ampliação das redes sociais vêm propiciando um espaço no debate público que tem sido ocupado por jovens feministas negras orientadas por pautas que envolvem não apenas raça, classe e gênero, mas também sexualidade, território, política e outras dimensões organizadoras das desigualdades sociais. (GONZALEZ, 2020, p. 14).

Segundo dados do IBGE (2022), 27% dos estudantes em universidades são mulheres negras. Há 20 anos, este número era de 19%, enquanto as mulheres brancas ocupavam 38% das vagas. Entretanto, Paixão (2010), alega que mesmo com o maior número de negros na universidade, a taxa de frequência permanece consideravelmente menor se comparada aos brancos, independente do gênero. Na opinião de Guimarães (2002), a área de formação deve ser considerada quando se fala da mulher negra na universidade, uma vez que as mesmas ocupam na maioria das vezes os cursos de menor notoriedade.

Por tudo isso, a meu ver, torna-se evidente que a guerra possivelmente vivenciada por Dandara, nunca saiu de cena. As formas de combate e os meios de opressão só mudaram de nomenclatura. Apesar das inúmeras tarefas, ainda assim, não são suficientes para que se destaquem no seu meio. Todas as tentativas de alcançar seus objetivos, fora da sua realidade, traz a sensação de uma falha do seu gênero ao não obter o mesmo êxito disseminado como padrão social, fazendo com que esqueçam a origem de todas as represálias impostas por uma sociedade movida pelo patriarcado. E, com isso, permanecem dormindo e acordando com a obrigação de servir mais.

#### 4. PROCESSO DE CRIAÇÃO

De natureza exploratória, o trabalho tem como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica e a escrita de cordel na estrutura de sextilha. Como dito, intenta-se criar um cordel inusitado tomando por referência a história de Dandara dos Palmares.

Na pesquisa bibliográfica fui em busca de referenciais documentais e também fictícios sobre a história de Dandara, assim como material teórico sobre a literatura de cordel. Para a contextualização do cordel no Brasil, recorri aos estudos dos autores Silva e Tomácio (2014) e para as questões estruturais fiz uso dos pensamentos de Nóbrega (2019). Para tratar sobre a mulher na escrita do cordel utilizei os escritos de Queiroz (2006), e a partir das ideias de Amaral Filho (2013) abordei a passagem do cordel para o Teatro. Já as fontes fictícias sobre Dandara e sua atuação no Quilombo dos Palmares foram uma alternativa encontrada, em função da escassez de trabalhos acadêmicos produzidos a respeito da história de Dandara e sua atuação no Quilombo dos Palmares. Contudo, considerando que esse TCC objetiva a criação de uma obra artística, considerei legítimo e coerente recorrer aos livros fictícios: *As lendas de Dandara* escrito por Jarid Arraes (2016), *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* também de Jarid Arraes (2020) e *Dandara e a falange feminina de palmares* de Leonardo Chalub (2021). E, por fim, para a contextualizar melhor a vida de uma mulher negra quilombola, usei os trabalhos teóricos de Dealdina (2020), Araújo (2020) e Santos (2020).

A metodologia da escrita do cordel partiu das etapas descritas por Jarid Arraes (2020). A escritora cearense destaca que utiliza cinco etapas no processo da escrita do cordel, são elas: ler a biografia do tema que se pretende rimar; fazer um resumo das partes importantes; escrever estrofe por estrofe na ordem dos fatos do resumo; e, para correção da métrica, utiliza sua identidade<sup>15</sup>, que no caso se trata de bater na perna repetidamente, enquanto ler o cordel, para nivelar o ritmo.

A partir das etapas sugeridas por Jarid Arraes (2020), em uma entrevista disponibilizada no *Youtube*, plataforma de vídeos online, intitulada *MESA DE DEBATE - Cordel: Tradição e reinvenção na escrita e na leitura*<sup>16</sup>, iniciei a minha própria jornada no processo de criação do cordel, tendo como referência Jarid Arraes. A adaptação se deu da seguinte forma:

<sup>15</sup> Utilizar sua identidade, de acordo com as etapas de Arraes (2020), significa a autenticidade que cada cordelista possui para a correção da métrica do cordel se alinhando com o ritmo constante presente neste tipo de escrita e dá, como exemplo, a sua própria identidade: bater na perna enquanto lê para encontrar possíveis erros.

<sup>16</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SA8nVhd6pw>.

1) Leitura da biografia:

Todas as leituras que fiz para minha escrita do trabalho de conclusão de curso serviram para a construção do cordel. Desde a introdução até os recortes culturais que envolvem Dandara dos Palmares.

2) Fazer um resumo:

Quando iniciei meu resumo, inspirada por minha orientadora em uma das primeiras reuniões, decidi transformar toda pesquisa em cordel e não só a parte que se tratava de Dandara. A partir disso, optei por fazê-lo ao mesmo tempo que ia escrevendo, pois toda a escrita acadêmica que tinha realizado, até então, envolvia muitas temáticas e para transformá-la em cordel era necessário bastante atenção em cada ponto. Dessa forma, segui os tópicos padrões da pesquisa a partir da introdução até o referencial teórico. Porém, no capítulo sobre a vida de Dandara, foram desenvolvidos subtópicos e assim foi preciso que nessa parte houvesse uma divisão mais detalhada para tratar todos os assuntos que o construíam.

3) Escrever estrofe por estrofe na ordem do resumo:

Utilizar a mesma ordem dos assuntos do resumo na escrita do cordel possibilitou uma coerência da história, visto que, é necessário um sentido cronológico na construção dos fatos para que as informações cheguem com mais facilidade para o leitor.

4) Sua identidade - Ler cantando:

Descartei o bater na perna presente na quarta etapa da metodologia de Jarid Arraes, pois a forma que encontrei para corrigir a métrica na minha escrita foi ler cantando, do jeito que via minha mãe cantar cordel na minha infância. E assim identifiquei onde os versos tinham ficado fora do ritmo podendo trocar, anular ou reformular algumas palavras.

No processo de escrita do cordel comecei a notar as várias camadas que a língua portuguesa pode oferecer dependendo para qual público se destina as informações. A literatura de cordel possui uma estrutura e tipos de métricas próprias e, nesse caso, o pretuguês é “amigo” da rima e facilitador da construção dos versos por colaborar no ritmo da métrica pois, quando utilizo palavras que não são do meu vocabulário formal em minha escrita, recorro a esse modo de falar para poder deixar meu cordel no ritmo. Após passar por um período enquadrando minha pesquisa em normas acadêmicas, foi possível perceber que quando a transcrevo para uma linguagem do cordel, noto que é necessário um cuidado para manter a linha de raciocínio das temáticas que desenvolvo ao longo do texto. Para melhor exemplificar essa situação, dou ênfase no que decidi nomear de preparação do terreno literário. Isto é, no trecho da página pág. 10 ao

que se refere os aspectos históricos e estruturais do cordel no Brasil desse trabalho, declaro as seguintes informações:

Segundo Silva e Tomácio (2014), o cordel acompanhou a consolidação linguística da literatura brasileira, a qual deriva da cultura ibérica do século XVI e que ainda se faz presente nos tempos atuais. Por ter uma influência portuguesa, o cordel tem um certo poder na ampliação da língua portuguesa no Brasil. A região nordeste é responsável pela disseminação e sobrevivência da literatura de cordel, não é à toa que foi onde a colonização portuguesa começou no país.

Já na pág. 30, quando trato dos resultados dessa pesquisa, faço uso de tais versos:

Agora que expliquei  
 Como vim até aqui  
 Toda colaboração  
 Que do mundo recebi  
 Do cordel e da guerreira  
 A pesquisa escrevi

É preciso eu dizer  
 Onde veio esse estudo  
 A origem do folheto  
 Que tem tanto conteúdo  
 Pendurado numa corda  
 Ensina o mais sisudo

O nordeste do Brasil  
 De Portugal recebeu  
 Influência no costume  
 Da escrita que se leu  
 A região que sustenta  
 A arte que sucedeu

Busquei uma linguagem influenciada pelo meu vocabulário familiar interiorano mesclada ao meu vocabulário atual que sofreu modificações através do contato com a academia, assim, podendo acessar diferentes públicos. Ou seja, para escrever precisei me desprender de regras e explicações acadêmicas, revisitando minha linguagem de infância e me aprofundando nas regras e estruturas que o cordel apresenta para conseguir, talvez, acessar essas possíveis aberturas de entendimento.

Com as infinitas possibilidades de usar as palavras, eu posso falar de várias formas a mesma coisa, considerando que cada público pode exigir um modo particular de uso da linguagem escrita e falada para ser atingido. E, por isso, posso citar minha visão tanto como estudante universitária, como também integrante de uma comunidade com acesso a um saber popular, sendo possível mostrar a diferença de comunicação entre os públicos. Logo, o que escrevo hoje é importante para a classe não letrada, sendo preciso colocar de um jeito que se

compreenda em ambientes de pouco acesso educacional formal, com a possibilidade de transitar do acadêmico e levar para o popular, ao mesmo tempo em que o inverso ocorre. Desse modo, me lancei ao desafio de transpor a monografia para a linguagem do cordel desde a introdução, finalizando com a parte a ser encenada quando me refiro aos ecos de Dandara. Considero que neste trabalho criativo consegui reunir minha experiência como estudante universitária, à minha vivência na minha comunidade de origem, de modo a criar uma obra capaz de atingir diferentes públicos.

## 5. RESULTADO CRIATIVO

Como mencionado, o presente trabalho de conclusão de curso apresenta como resultado, além desse texto escrito e do cordel transcrito abaixo, um vídeo no qual o cordel é cantado. A gravação se refere à segunda parte da poesia ritmada, intitulada Ecos do grito da guerreira Dandara do Quilombo dos Palmares, na qual se destacam os tópicos que se inspiram na figura de Dandara. Acrescenta-se ainda nesse vídeo, um primeiro momento em que apresento uma personagem inspirada em minha vó. Partindo de minhas memórias de infância, utilizo objetos, como o cesto de palha e ações que vi minha vó realizar, como a costura à mão. Essa personagem canta um arranjo de minha autoria das músicas *União dos Palmares* do cantor Josilson Lobo e *Lavadadeira* (cantiga de roda) de um compositor desconhecido, e fala um texto de minha autoria.

Desde o início, eu, enquanto personagem da cena, seguro um balaio em cima da cabeça, quando o coloco no chão, sento-me retirando dele: linha, agulha e tesoura, para iniciar uma costura. Enquanto ponteio o tecido, realizo um monólogo que introduz minha personagem, cujo texto refere-se a um diálogo com minha vó em que me imagino chegando em um lugar almejado. Esse lugar seria a minha possibilidade de ingressar em uma universidade. Tal momento é traduzido por uma alteração de espaço/locação e de figurino, e é quando a minha segunda versão de personagem canta o cordel autoral com acompanhamento rítmico do triangulo e do pandeiro em lugares externos da cena inicial com a natureza presente, na tentativa de também representar memórias do Quilombo dos Palmares, local da possível existência de Dandara.

Ao final da cena, a personagem volta para si mesma e retorno ao monólogo, apresento uma colcha de retalhos finalizada e termino cantando outro arranjo de minha autoria da música *Quero chá* de Luiz Gonzaga com o hino do *Batalhão* do compositor Papa Ovo enquanto estendo a colcha com a figura de Dandara no centro. O vídeo da gravação está disponibilizado online, podendo ser acessado por meio do link:

[https://drive.google.com/drive/folders/1dFpTGpnNqByQNbRaEV\\_14x904kcb7771?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1dFpTGpnNqByQNbRaEV_14x904kcb7771?usp=sharing)

## UM CAMINHO ATÉ DANDARA

Veja só que intrigante  
 A sina da minha vida  
 Ainda muito pequena  
 Por minha vó envolvida  
 Através da oralidade  
 Tive a rima absorvida

Quis no TCC buscar  
 O que toca o coração  
 Apresentar meu lugar  
 Do cordel satisfação  
 Estudar minha origem  
 Trazer valorização

Pensei que era brincadeira  
 Que cordel era só prosa  
 Bastava combinar letra  
 Como roda que entrosa  
 Mas estava enganada  
 Com a escrita valorosa

Foi aí que eu descobri  
 Que métrica é importante  
 Tem a sílaba poética  
 Na estrutura brilhante  
 Tem vários tipos de verso  
 Uma escrita impactante

União dos Palmares é  
 A cidade onde nasci  
 Lá na Serra da Barriga  
 Que Dandara conheci  
 Sem detalhes de sua vida  
 Sua história eu ouvi

Tava então deparada  
 Com pensar tão diferente  
 O amor pelo cordel  
 E a dúvida frequente  
 De Dandara dos Palmares  
 Sua origem tão ausente

Quando a arte me chamou  
 Logo ela abracei  
 Num grupo de feminismo  
 Da escola me juntei  
 Me pediram uma história  
 De Dandara me lembrei

O grupo queria muito  
Da mulher negra falar  
Aquela que inspirasse  
Quem a fosse pesquisar  
Para lembrar dos legados  
Na hora de apresentar

Na primeira tentativa  
De Dandara procurar  
Donde veio e o que fez  
Fui no google pesquisar  
Só falava do marido  
Não era de se espantar

Mas por onde eu passei  
Uma coisa ficou certa  
O dia de sua morte  
Num teve escrita discreta  
Da serra que se jogara  
Pela morte foi direta

Mostrando sua coragem  
Da história que traçou  
Foi em seis de fevereiro  
Que o pulo a matou  
No ano noventa e quatro  
Sua vida se findou

Ao chegar na faculdade  
Tive muito o que aprender  
A cultura popular  
Foi o que me fez prender  
Toda minha atenção  
Até Dandara tecer

Foi na pandemia fria  
Que tudo paralisô  
A tela de celular  
Virou palco do atô  
O jeito foi eu rimar  
Como a vó me ensinô

Teve até estudo online  
Veja só a confusão  
Eu para não endoidar  
Gozei da situação  
Peguei o que tinha escrito  
E levei pra educação

Apesar de conturbado  
 O ensinamento online  
 Conheci o mamulengo  
 Nos momentos offline  
 Fiz a boneca Dandara  
 E mostrei na timeline

Agora que expliquei  
 Como vim até aqui  
 Toda colaboração  
 Que do mundo recebi  
 Do cordel e da guerreira  
 A pesquisa escrevi

É preciso eu dizer  
 Onde veio esse estudo  
 A origem do folheto  
 Que tem tanto conteúdo  
 Pendurado numa corda  
 Ensina até os sisudos

O nordeste do Brasil  
 De Portugal recebeu  
 Influência no costume  
 Da escrita que se leu  
 A região que sustenta  
 A arte que sucedeu

O que era um lazer  
 De registro foi usado  
 O povo se informava  
 E não é que o danado  
 Ensinou ler/escrever  
 A quem não era letrado

Ariano Suassuna  
 É um nome conhecido  
 No universo da rima  
 Classifica o acontecido  
 Dentro da comicidade  
 Fala do fato ocorrido

Leandro Gomes de Barros  
 Escreve e não se demora  
 De tratar o que aconteceu  
 Dentro do Brasil ou fora  
 Natureza e a fé  
 Tudo isso ele explora

Muita coisa pra dizer

E na métrica encaixar  
 Quadra, sexta e a sétima  
 Nona, décima a rimar  
 O martelo agalopado  
 E galope a beira-mar

Não se prenda numa regra  
 Que eu tô apresentando  
 O cordelista é sujeito  
 Liberto quando rimando  
 Ele tira lá do peito  
 O que tá inquietando

Sobre inquietação  
 Preciso me expressar  
 Pois me deixa indignada  
 A forma que vi mostrar  
 A face da mulher negra  
 No poema popular

Da Paraíba saiu  
 Muito poeta da rima  
 Que fala da mulher negra  
 Com uma falta de estima  
 Trazendo a narrativa  
 Duma imagem que oprima

A mulher só teve chance  
 De poder então rimar  
 No ano de trinta e oito  
 Tendo que se disfarçar  
 Com nome do seu marido  
 Para cordel publicar

Maria Neves Batista  
 Foi Altino Alagoano  
 O que era ser mulher  
 Pro homem tão leviano  
 Na mão do patriarcado  
 O cordel foi soberano

Apropriado por homens  
 Mulher a ludibriar  
 Não seria a nova era  
 Que viria a descartar  
 Ele foi adaptado  
 Na forma de apresentar

Veja só como é forte  
 A arte da rimação

Tanto tempo no papel  
Nesse mundo de ilusão  
Parecia ser distante  
Das telas de transmissão

O que foi dito em feira  
Do papel com a gravura  
Pendurado numa corda  
Alcançou era tão dura  
Na frente de uma câmera  
O poeta fez postura

O costume do nordeste  
Na tela dum celular  
Na vida do mundo todo  
Rima foi se adentrar  
Enaltecendo o poeta  
Da cultura popular

Com a tecnologia  
A arte foi se moldando  
E até na educação  
Um projeto se criando  
Nobrega, Rosane Almeida  
Usa a rima até brincando

Diniz, Valentim Quaresma  
Segue o mesmo trajeto  
Escolas de João Pessoa  
Recebem com muito afeto  
Quinhenta história em rima  
Veja que belo projeto

Da arte muito se fala  
Cada qual com seu pensar  
Eu sei que cordel é fruto  
Da arte de se rimar  
Mas será que no teatro  
Tem poema popular?

Foi no ano de quarenta  
Que ocorreu a união  
O cordel e o teatro  
Se tornou a merma ação  
Dizem ser Hermilo Borba  
O primeiro da junção

Em seguida de seu passo  
Chega Joaquim Cardoso  
E o tal de Suassuna

Apresenta o famoso  
 Auto da compadecida  
 Com sucesso estrondoso

Lampião no Inferno vem  
 Como peça declamada  
 Malazartes aventureiro  
 Fez parte dessa chamada  
 Na casa de engole-cobra  
 Graça/desgraça formada

É muita história bonita  
 De comédia teatral  
 Bora adentrar num mundo  
 Que é muito desigual  
 Agora aqui me aprofundo  
 Na tragédia que é real

De tudo se ouviu no mundo  
 E aquilo que foi fato  
 Da cidade de União  
 Muito pouco foi contado  
 Com registro mais frequente  
 Do Zumbi tão procurado

Mas quem conta se esquece  
 Quem escuta acrescenta  
 Só lamento nessa história  
 Perdermos quem alimenta  
 A força da criação  
 A mulher é quem sustenta

Duvidar é realmente  
 Motivo que faz secar  
 A boca do curioso  
 Traz sede de perguntar  
 E se respondido for  
 Torna a se questionar

Na tentativa ousada  
 Da dúvida compreender  
 Fui onde não tinha nada  
 E pude então perceber  
 Que para se ter respostas  
 É preciso me envolver

## **ECOS DO GRITO DA GUERREIRA DANDARA DO QUILOMBO DOS PALMARES**

Não foi livro ou internet  
 Nem em banca de jornal

Não achei um documento  
Nem escrita manual  
Que provasse a existência  
Da mulher fenomenal

É uma pena não achar  
Mas calma que tem um jeito  
Nada na pressa sustenta  
Eu fiz no tempo direito  
Eu não encontrei Dandara  
O desencontro perfeito

Por faltar material  
Uma prova e documento  
Pensei no melhor caminho  
De alívio do tormento  
Percebi que tinha tudo  
Ali naquele momento

Para entender Dandara  
E o que dela sobrou  
Eu fui em busca daquilo  
Que a cultura aqui deixou  
Tentei juntar seus pedaços  
Em tudo que me tocou

Surpresa não existiu  
Do feminino apagado  
Vivemos na ditadura  
Do homem por todo lado  
Mas a presença que falo  
Driblou o patriarcado

Não pude não reparar  
Que Dandara é Quilombo  
Comunidade que vive  
Rodeada de assombro  
Do jeito que a mulher é  
Tida como malassombro

Quando se fala em Dandara  
Zumbi logo vem na frente  
Serra da Barriga atrás  
E depois vem tanta gente  
Apagando uma figura  
Fazendo dela ausente

Perdida no brilho alheio  
Quando reluz a história  
Penso na mulher Quilombo

E logo vem a memória  
 Que essa mulher carrega  
 Com poderosa vitória

A mulher Quilombo é  
 De um legado cultural  
 Ela é dança, reza e conto  
 Patrimônio mundial  
 É semente que germina  
 Alimentando geral

Do campo de terra preta  
 Da colheita e produção  
 É na casa de farinha  
 Que vem a transformação  
 Da macaxeira arrancada  
 Para tapioca e pão

E se engana quem pensar  
 Que o Quilombo é restrito  
 Para longe da cidade  
 Assim como era descrito  
 O movimento Quilombo  
 Não cabe nesse escrito

O Quilombo dos Palmares  
 É só um em tantos mil  
 De política arrumada  
 Para mudar o Brasil  
 Trazendo a perspectiva  
 Da luta que prosseguiu

Considerado o maior  
 Mais famoso e visitado  
 Nas paredes tem Zumbi  
 Com o rosto estampado  
 A história vai ficando  
 Com um teor vislumbrado

Eu te conto a verdade  
 E mostro que bem atrás  
 A primeira do Quilombo  
 Dos Palmares foi sagaz  
 Ela se chama Aqualtune  
 Uma mulher perspicaz

Deu à luz a Ganga Zumba  
 Lider antes de Zumbi  
 Responsável pelo acordo  
 Que fez sem nem presumi

O golpe colonial  
Destinado a extinguir

Detonar a resistência  
De quem sempre foi podado  
Esse trato tinha a meta  
De trazer paz de estado  
Mas a maldade do homem  
Esquece qualquer legado

Zumbi sempre bem cismado  
Discordou da liderança  
Dandara sempre ao seu lado  
Também com desconfiança  
Trazendo dentro do peito  
Liberdade e esperança

E assim como esperado  
Ganga Zumba foi traído  
Zumbi assumiu a posse  
Devido esse acontecido  
Seguido pelos demais  
Não se dando por vencido

Apesar de tanta garra  
Persistência e coragem  
A crueldade do homem  
É rica em traiçagem  
Armaram uma emboscada  
Pensando na pilantragem

O Quilombo dos Palmares  
Invadido de repente  
Pegando desprevenido  
Aquele povo carente  
Morto antes de viver  
Na mão do ódio estridente

Apesar do nascimento  
De Dandara não ser dito  
O dia de sua morte  
Fizeram permanecido  
Se jogara da pedreira  
Isso não foi esquecido

Na invasão do Quilombo  
No ano noventa e quatro  
A guerreira relutou  
Quebrando esse contrato  
Que impõe submissão

Dia seis do dois marcado

Nessa hora de agonia  
Atitudes tão brutais  
Dandara se recusou  
Disse eu não volto mais  
Prefiro morrer agora  
Do que viver sem ter paz

Zumbi conseguiu sair  
Por pouco tempo fugido  
Um ano depois da fuga  
Foi pego desprevenido  
Arrancaram a cabeça  
Na praça foi exibido

Veja como a violência  
Marcou toda a história  
Tiraram o seu direito  
Sua vida e memória  
Mas tento aqui tratar  
De traços e não escória

Juntar fatos, dar sentido  
Isso é o que me interessa  
Montar a minha Dandara  
Encaixando cada peça  
Com o ânimo do desânimo  
Pra deixar de ser conversa

Que ecoe esse grito  
Por tanto tempo abafado  
Mostrar o que tem de vida  
No silêncio amordaçado  
Juntar o belo possível  
Desse mundo amedrontado

Aquela mesma Dandara  
Que da pedreira pulou  
Aquela que empunhou armas  
E por seu povo lutou  
A mesma que armou planos  
Sabedoria mostrou

Encontro dessa Dandara  
Partes em cada espanto  
Nas ruas sendo apontada  
Marido causando pranto  
No trabalho humilhada  
E sozinha em todo canto

Eu quero que fique dito  
O poder que a fala tem  
É ouro em forma de verbo  
Pode ser arma também  
O valor da oratória  
É perigoso também

Através da atividade  
Pra junção do abc  
É formada a palavra  
Compartilhado o dizê  
Condenado o sujeito  
Culpado sem ver de quê

Por tratar da influência  
Que a fala aqui carrega  
Veja como é interessante  
A figura que agrega  
O poder na falatória  
Que o Quilombo se encarrega

A mulher preta que conta  
Que orienta e transmite  
Que cria, alimenta e rega  
Que sua fala permite  
O que é feito e desfeito  
Ela que tudo emite

Mas falar não é de longe  
O que importa de fato  
Num lugar que o domínio  
Do dizer preso no ato  
De segurar a caneta  
É do homem esse mandato

Homem domina o papel  
Isso vem de muito atraindo  
Ele quem foi colocado  
Nesse lugar que se faz  
Verdadeira a palavra  
Que de sua caneta sai

Eu já disse que a mulher  
Era privada de tudo  
De escrever em seu papel  
E de tanto absurdo  
Imagine a mulher negra  
No meio desse estudo  
Muito tempo se passou

Até ela acompanhar  
 O pouco do privilégio  
 Que o homem pode usar  
 Hoje felizmente ela  
 Pode a caneta apanhar

Jarid Arraes o nome  
 Da cearense esperta  
 É negra e nordestina  
 Consagrada e poeta  
 Rimadora e escritora  
 Da obra que inspirou esta

Conheci tanta história  
 De mulheres apagadas  
 Que por meio de Jarid  
 Teve sua vida narrada  
 Seus feito enaltecido  
 Na obra que foi criada

Aqualtune e Dandara  
 De Jesus a Carolina  
 Tia Ciata e Agotimé  
 Benguela e Laudelina  
 Zacimba Gaba e Mahin  
 Dos reis é a tal Firmina

Antonieta de Barros  
 E Esperança Garcia  
 Mariana a Crioula  
 Tem a Felipa Maria  
 Do racismo revoltada  
 Bonsucesso Eva Maria

Mulher que inspira outra  
 Em sua vida de tormento  
 De coragem no abandono  
 Sem tempo para lamento  
 Pra ganhar tem que correr  
 Rápido que nem o vento

Diferente da caneta  
 Que custou a ser usada  
 Na posse da mulher negra  
 Sem demora a enxada  
 Para remexer na terra  
 Escorando a mão cansada

Hoje o mundo é dominado  
 Por comida que só mata

Envenena o coração  
Quando come só maltrata  
O corpo que movimenta  
Vida de gente ingrata

Gente que não valoriza  
O que a terra oferece  
Que não lembra o local  
Que de tudo nasce e cresce  
Nutre tudo que é vivo  
Se nutre do que padece

Perceba a arrogância  
Do homem no coração  
Não aceita o processo  
Natural da criação  
Taca veneno em tudo  
Causando destruição

Uma semente pequena  
Que germina devagar  
Cresce regada tranquila  
Sem ninguém lhe apressar  
É rica em nutrientes  
Para a fome saciar

Essa produção orgânica  
O Quilombo adquiriu  
E na frente dessa loita  
A mulher coexistiu  
E o homem que ganhou  
Do que ela produziu

Ela fez do seu quintal  
Um cantinho de plantar  
Dos fundos para cozinha  
A colheita foi parar  
Da roça produziu arte  
Fez comércio pra lucrar

Fora ser dona de casa  
Sendo de boa vontade  
A mulher se inquietou  
Com sua comunidade  
Criou associação  
Trouxe visibilidade

Assim vejo que Dandara  
Tem o legado presente  
Na vida da quilombola

Com a luta persistente  
Agarrando suas dores  
Sempre tão resiliente

A Dandara de Jarid  
Por lenda elaborada  
Tinha como proteção  
A sua mãe consagrada  
Ela se chama Iansã  
Uma figura aclamada

É definida na mística  
Força imaterial  
O homem pra poder vê-la  
Em seu meio social  
Só por meio de um corpo  
Que tenha potencial

É vista como uma deusa  
Que representa o vento  
Tempestade e o fogo  
O raio num só momento  
Personagem corajosa  
Dona do empoderamento

Isso recebeu Dandara  
Muita curiosidade  
Uma presença ativa  
Feita de intensidade  
Com grande sabedoria  
Vence a adversidade

Dandara no coração  
Tendo mãe tão poderosa  
Desperta em sua vida  
A presença milagrosa  
Com ervas e sua crença  
Ela cura a dor penosa

A mulher que tem o ramo  
Tem a palavra sagrada  
É antiga no Brasil  
No Quilombo é respeitada  
Da cultura africana  
E a indígena misturada

Esses saberes de cura  
Faz parte da geração  
Me diga se tu não lembra  
De ouvir a oração

De uma senhora curvada  
Clamando sua condição

Disso tenho privilégio  
De poder participar  
Desse ritual sagrado  
Era comum escutar  
Painho chamar na porta  
Para o pião<sup>17</sup> pegar

Tive também minha vó  
Benzendo por todo lado  
Chegava de todo canto  
Gente mandando recado  
Dona Mara me ajude  
O menino tá gripado

Gente com dor nas costas  
Que doía há um ano  
Ou com um queixá doído  
A barriga espinhano  
Tinha tanta dor nos quarto  
E cabeça latejando

Eu olhava curiosa  
Pra tudo que ela fazia  
Primeiro siná da cruz  
Segundo ramo surgia  
Num balanço ritmado  
Era assim que ela benzia

Dizia pra que dê certo  
Torne aqui me procurar  
Cura para ser bem feita  
É preciso eu fechar  
Nas três vez que eu benzer  
Ele já vai melhorar

Eu perguntava, mas vó  
O que é que tá aberto  
Que a senhora vai fechar  
Última vez pra dar certo  
O que hoje já foi feito  
Uma vez só não dar certo?

Ela então me respondia  
Clamar por Deus é sagrado

---

<sup>17</sup> **Jatropha gossypifolia** é uma espécie de planta da família Euphorbiaceae pertencente ao gênero *Jatropha*. Conhecida popularmente por causa de sua coloração roxa nas folhas que dá seu nome, mas também é chamado de *pinhão-de-purga*, *pinhão-paraguai* e *purgante-de-cavalo*. Mas é chamado normalmente de *Pinhão-roxo*.

Tudo que for envolvido  
 Não pode ser só falado  
 Precisa de um cuidado  
 Para fazer seu chamado

Não tenho poder nenhum  
 Deus quem cura e me anima  
 Para passar a palavra  
 Permite de lá de cima  
 Fazendo bem para aquele  
 Que tem fé, não desanima

Me lembro de um menino  
 Que brincava animado  
 Em cima da bicicleta  
 Sem medo tombar errado  
 Chegou para mim mancando  
 Com o pé direito inchado

Fiz logo o siná da cruz  
 Peguei agulha e carrité  
 Apanhei carrapateira  
 Dobrei em cima do pé  
 E disse para o menino  
 Se acalme e tenha fé

Dizia o que é que curo?  
 Ele de lá respondia  
 É o tal de nervo torto  
 No meio da agonia  
 Eu tornava a perguntar  
 Com Jesus em minha guia

Dizia o que é que curo?  
 Ele de lá respondia  
 É o tal osso rendido  
 No meio da agonia  
 Eu tornava a perguntar  
 Com Jesus em minha guia

Dizia o que é que curo?  
 Ele de lá respondia  
 O osso desconjuntado  
 No meio da agonia  
 Eu tornava a perguntar  
 Com Jesus em minha guia

Para terminar a reza  
 Nesse dizer amistoso  
 Ela dizia meu pai

Assim mesmo que eu coso  
Com os poderes de Deus  
Poderes tão virtuoso

Como nada é perfeito  
O milagre é extinção  
Na vida da brasileira  
A guerra está em ação  
E por mais que tenha reza  
Pouco se tem solução

Derramado muito sangue  
Quando Palmares caiu  
Trezentos anos depois  
Essa guerra persistiu  
Na favela brasileira  
Mulher negra presidiu

Então vive até hoje  
No terror que se seguiu  
Enfrentando o mundo todo  
Que contra ela se uniu  
Impedindo o crescimento  
De quem pouco progrediu

Num ambiente restrito  
Numa vida de tristeza  
Traça um ciclo vicioso  
Cheio de muita pobreza  
Com trinta e quatro por cento  
De mortes sem estranheza

Corpo negro feminino  
Morto sem preocupação  
Tem a vida esvaindo  
No meio da multidão  
Anulando a existência  
Fingindo ter comoção

Seu corpo permaneceu  
Como posse do emprego  
Vira mulher do patrão  
Quando ele quer chamego  
Depois nina o seu filho  
Se a esposa quer sossego

Nas favelas do Brasil  
A mulher é encontrada  
Vende doce e salgado  
Na costura é usada

Quando vem o mau olhado  
Benzedeira procurada

Nesse meio de miséria  
Pobreza é persistente  
Carolina de Jesus  
Para fazer diferente  
Catadora ambulante  
Veio a escrever pra gente

Pra gente que nasce pobre  
E morre pior ainda  
Mesmo saindo da crise  
Com sua escrita linda  
A volta para pobreza  
Foi sempre muito bem vinda

Isso acontece até hoje  
Com quem cresce tão carente  
De riqueza e estudo  
Deixa cidadão ciente  
Que pra ocupar espaço  
Vai ter que ser persistente

Pois toda dor e carência  
Dessa mulher de favela  
Pesa toda vez que tenta  
Não se fazer parte dela  
O ritmo do afortunado  
Rápido demais pra ela

Isso pesa na família  
E na visão da cidade  
Se foge do seu destino  
Busca notoriedade  
Vai permanecer atrás  
No trabalho e faculdade

Não está um passo à frente  
Tem sempre que fazer mais  
Para poder ser taxada  
De guerreira perspicaz  
Sendo mil e uma coisa  
Reconhecida jamais

## 6. O FIM DE UM NOVO COMEÇO

Ao passo que percebo a chegada do cordel no Brasil através da cultura portuguesa, consigo compreender todas as suas influências até a chegada da linguagem adaptada para os dizeres do Nordeste. Entendo que sua entrada na minha trajetória carrega uma absurda diversidade de conhecimento, costumes e interpretações. Relacionar esse aprendizado familiar com os ensinamentos acadêmicos e através dessa ponte me entender enquanto pesquisadora de cordel, torna essa pesquisa uma viagem no tempo, onde o começo, meio e fim se entrelaçam e se complementam ao mesmo tempo que existem separadamente. O que era uma distração entre minha avó e eu, hoje se torna meu mecanismo mais latente de informar e lutar por causas sociais que a mim despertam interesse.

Soma-se a isto, o fato desse trabalho pertencer a um curso de licenciatura em Teatro, fazendo com que a cena e a educação conversem em um dito ritmado para que o resultado da pesquisa aconteça. Ir em busca de escritores e traçar caminhos que me levem do cordel até Dandara dos Palmares, obviamente foi um trabalho de muita dificuldade. São assuntos distintos, exclusivos, porém necessários dentro de uma conjuntura política social. A falta de dados para responder cientificamente a principal pergunta deste trabalho: “Quem foi Dandara dos Palmares?”, me levou para um novo caminho. Agora, já não me preocupava mais em saber onde, quando e quem foi Dandara, mas sim de que forma os ecos dessa figura estão representados nas mulheres negras na sociedade, seja no campo, na favela ou na religião. A tentativa de reconstruir Dandara através de retalhos de sua cultura me deu a oportunidade de aprender e lembrar o meu papel nesta pesquisa: fazer ecoar a voz da Dandara que representa minorias que sobrevivem à margem da sociedade. Tudo isso através do cordel que aprendi com minha vó. Tais cuidados reafirmam o poder existente na arte de acoplar uma demanda variada de sentimentos com a obtenção de extrair um produto multifacetado, capaz de acessar das áreas mais sofisticadas até os estabelecimentos de menor prestígio. Toda a extensão que a literatura de cordel e a cultura quilombola fornece diariamente há tantos anos para a sociedade merece a contemplação e respeito dentro das salas de aula, nas ruas e nos demais espaços que forem necessários se fizerem presente

Com relação à escrita do cordel, foi assustador adentrar em um mundo com tantos caminhos de escrita. Me aprofundar nessa poesia ritmada me trouxe liberdade de criação e resgatou em mim tudo que a academia de alguma forma camuflou, quando utilizo a palavra camuflou, me refiro a escrita acadêmica que se distancia da raiz do cordel. Até meu vocabulário

foi se modificando naturalmente com o excesso de informações que recebia diariamente durante 4 anos de um público presente no ambiente acadêmico, totalmente diferente do meu ambiente de convívio familiar.

Sendo assim, concluo que esse é apenas o início de uma jornada repleta de desafios e composta de muitas possibilidades de exploração para disseminação da literatura de cordel. O universo da cultura popular, para mim, disponibiliza espaços e meios de busca para a propagação de conhecimentos que, no meu ponto de vista, são excluídos para que mais do mesmo permaneça no local de poder que prevalece através do sistema dominante em uma sociedade fundada a partir da exploração de corpos negros e indígenas. É interessante, portanto, voltar no tempo e estabelecer uma ligação entre o meu primeiro ponto de partida e o reencontro com a rima. Foi através do folgado do guerreiro alagoano, o qual tratava justamente do entremeio do Índio Peri, que me encontrei no cordel devido ao texto rimado. As vertentes utilizadas no curso de licenciatura em Teatro, voltadas para a cultura popular, me trazem a esperança de propagação da ideia de que existe um conhecimento sendo produzido por essas pessoas em seus ambientes, e que esse conhecimento e essas pessoas precisam ser vistos e reconhecidos pela sociedade mais ampla. Acredito ainda que a educação seja a ferramenta mais útil para disseminar esses conhecimentos, porque falando a partir da minha experiência, com certeza meus valores e conceitos mudaram depois de quatro anos de curso que apresentou e ainda apresenta uma riqueza cultural existente perto de mim.

## 7. REFERÊNCIAS

AMARAL, Carlos. **Na linha do cordão: do folheto à dramaturgia (1957 – 2007)**. Salvador – BA, 2013.

ANTAR, G.M.; HARLEY, R.M. Mentha in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB36582>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

ARAPONGA, Marconi. **JOGO-DENTRO-DO-JOGO: O Trabalho de Ator no Teatro de Cordel de João Augusto**. Salvador - BA, 2011.

ARAÚJO, A, C. **Ensino da história com cordel: fonte histórica e recurso pedagógico**, Maceió, 29 ago. 2019.

ARAÚJO, Zezito. **QUILOMBO DOS PALMARES: Negociações e Conflitos**, Arapiraca: CESMAC, 2020.

ARRAES, Jarid. **A lendas de Dandara**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultura, 2016.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. 1ª ed. São Paulo: Seguinte, 2020.

BIGIO, N.C.; SECCO, R.S.; MOREIRA, A.S. *Jatropha* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB17581>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL. IBGE - Instituto brasileiro de geografia estatística. **Censo Demográfico**, São Paulo – 2014. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9372-caracteristicas-etnico-raciais-da-populacao.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BRASIL. IBGE - Instituto brasileiro de geografia estatística. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres negras no Brasil**, São Paulo – 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html> Acesso em: 02 dez. 2022.

BRASIL. **O Que É a Covid-19?** Ministério Da Saúde, 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 25/04/2023.

CARVALHO, C. M. **Caminhos Trilhados em Versos: Teatro, Cordel e Educação de Jovens e Adultos**. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação Em Educação. Salvador - BA, 2015.

CONCEIÇÃO, Amara. [**Uso de ervas medicinais e ritos religiosos para cura de doenças**]. Whatsapp: Conversa individual para registro de áudio. 19 de nov. de 2022. 8h14min. Mensagem de áudio no WhatsApp.

CHALUB, Leonardo. **Dandara e a falange feminina de Palmares**, 1ª ed. – São Paulo: Nemo, 2021.

DEALDINA, Selma. **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**, São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

IBGE. **Divulgação mensal**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?edicao=36337>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CAVALCANTI, Genivaldo Bezerra. **O PAPEL DE MULHERES ESCRAVAS NEGRAS NA SOCIEDADE AFRICANA E NA SOCIEDADE BRASILEIRA NO PERÍODO DE ESCRAVIDÃO: SÉCULO XVI E XIX**. v. 7, n. 2, p. 551–562, 3 dez. 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan/jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sergio. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: 34, 2002.

JAQUELINE. **A nova composição racial brasileira segundo o Censo 2010**. Disponível em: <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/>> Acesso em: 25/04/2023.

Lauraceae in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB614097>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

LELIS, C.R. **Do Teatro ao Cordel: Transposição de Meios e Culturas**. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa-MG, 2016.

LIMA, Itamara. **Ensino das artes cênicas na escola: Experiência, apreciação e criação com as culturas populares**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2018.

LIMA, R.B. (in memoriam); BARBOSA, M.R.V.; Giuliatti, A.M. **Rhamnaceae in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB20675>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

LINHARES, Kleiton. **O Corpo da Mulher Negra: A Dualidade Entre o Prazer e o Trabalho**. UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste, 2015.

MESA DE DEBATE - **Cordel: Tradição e reinvenção na escrita e na leitura**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SAAt8nVhd6pw>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MONTEIRO, M.E. **Enunciado, identidade e memória o lugar do esperto no cordel e no Teatro nordestinos**. Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. João Pessoa-PB, 2008.

MORAES, Daniela Beny. **Gestualidade ancestral: o trânsito entre o Candomblé e o Teatro**. Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 122–141, jan./jun. 2018.

NICOLETTE, Carlos. **QUILOMBO DOS PALMARES: A História Narrada**, São Paulo, 2015.

NÓBREGA, Josineide. **Literatura de cordel: Uma proposta didática analisando a tradição de 10 décadas (1912 a 2013)**, Encontros de Vista, Recife, 23 (1): 40-51, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Vinícius; MEZZOMO, Thais; MORAES, Eliézer. **Conhecimento e Uso de Plantas Medicinais por Usuários de Unidades Básicas de Saúde na Região de Colombo, PR. Revista Brasileira de Ciências da Saúde.** Curitiba – Paraná. Volume 22, Número 1, Páginas (57-64), 2018.

PAIXÃO, Marcelo (Org.). **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2009-2010.** Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

PEREIRA, Hegair das Neves; VELLOSO, Tatiana Ribeiro; DE ALBUQUERQUE OLIVEIRA, Diego. **Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia,** Cadernos de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD: microdados.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. CD ROM.

PINHEIRO, Liz. **Cordel do Sonho sem fim: Processo de criação em Teatro com abordagem colaborativa no ensino formal.** Universidade Federal da Bahia, Escola De Teatro e Escola de Dança, Programa de Pós-Graduação Em Artes Cênicas. Salvador - BA, 2018.

PIZZARDO, R.C.; Antonicelli, M.C. Syzygium in **Flora e Funga do Brasil.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB620388>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

POETEIRO. **Poetas Populares: Francisco Romano.** Disponível em: <http://www.poeteiro.com/2020/01/poetas-populares-francisco-romano.html>. Acesso em: 07 abr. 2022.

PONTES, Maria Cristina; STWARD, Angela May, **Invisibilidade da pluriatividade da mulher quilombola: o caso de Moju Miri,** Belém. v.13, nº 2 / jul-dez 2019.

QUEIROZ, Doralice. **Mulheres Cordelistas,** Belo Horizonte – MG, 2006.

RAIMUNDO, Valdenice. **É PRECISO TER RAÇA: As formas de organizações informais no cotidiano das mulheres negras da favela Bola de Ouro – Território de maioria negra.** Recife-PE. 2003.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. **Desigualdades de gênero no ensino superior e no mercado de trabalho no Brasil: uma análise de idade, período e coorte.** *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/dsBNrSjMyTbt6CXhxLV6zjp/?lang=pt>.

RIBEIRO, M. **Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing.** *Revista de Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, dez. 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16459/15033>. Acesso em: 02 dez. 2022.

*Ricinus in Flora e Funga do Brasil.* Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB17659>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

SALES, Luciano. **QUANTO MAIS REGIONAL, MAIS UNIVERSAL EU SOU: O Cordel de Antônio Francisco domo matriz criativa para a construção da cena.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2018.

SANTOS, Valéria. **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas,** São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS. 2003.

SILVA, Cláudia. **Rezadeiras: Guardiãs da Memória.** Salvador -BA. 2009.

SILVA, José. **História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. Campinas-SP.** (UNICAMP, 2006-2007).

SILVA, Paulo; TOMÁCIO, Douglas. **Literatura de cordel no Brasil: um ponto no mar da lusofonia.** *Odisseia*, Natal, RN, n. 13, p. 44-57, jul.-dez. 2014.

SOARES, R.L. N.; COSTA E SILVA, M.B. (in memoriam) *Cleome in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB6815>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

SOUSA, Francinete. **A MULHER NEGRA MAPEADA**: trajeto do imaginário popular nos folhetos de cordel, João Pessoa-PB, 2009.

TEDESHI, Losandro. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Universidade Federal da Grande Dourados, Raído, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016.

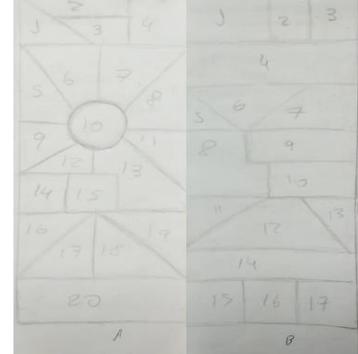
VERGER, Pierre. **Orixás**: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 1ª ed. Rio de Janeiro: **Editora Corrupio**, p. 308, 2018.

ZANOTTI, Luiz. **A longa travessia de lampião**: da literatura de cordel ao espetáculo teatral virgolino e maria: auto de angicos, Curitiba, 2012.

ZANOTTI, Luiz. **A Longa Travessia de Lampião: Da Literatura de Cordel Ao Espetáculo Teatral Virgolino e Maria: Auto De Angicos**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2012.

## 8. REGISTROS DO PROCESSO

### APÊNDICE A – RASCUNHOS DOS DESENHOS PARA A PRODUÇÃO DA COLCHA



### APÊNDICE B – PRODUÇÃO DA COLCHA DE RETALHOS

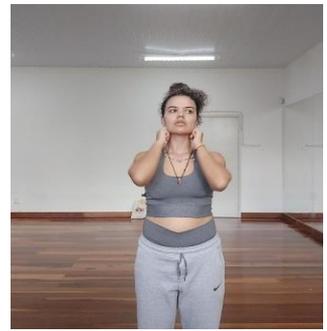


### APÊNDICE C – PREPARAÇÃO CORPORAL PARA A ENCENAÇÃO

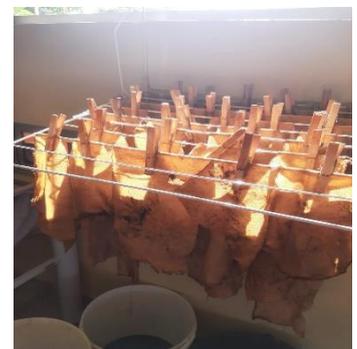




**APÊNDICE D – PREPARAÇÃO VOCAL PARA A ENCENAÇÃO**



**APÊNDICE E – TINGIMENTO DA COLCHA DE RETALHOS COM CAFÉ**



**APÊNDICE F – COSTURA E PINTURA DA COLCHA DE RETALHOS**



## APÊNDICE G – CENÁRIO E GRAVAÇÃO DAS CENAS



## APÊNDICE H – GRAVAÇÃO VOCAL/INSTRUMENTAL DO CORDEL



## APÊNDICE I – GRAVAÇÃO AUDIOVISUAL DO CORDEL



## APÊNDICE J – ENTREVISTA: AMARA MARIA DA CONCEIÇÃO 19/11/2022<sup>18</sup>

### ENTREVISTA – AMARA MARIA DA CONCEIÇÃO

**Dia: 19/11/2022**

**Duração: cerca de 15 min**

**Rede social: whatsapp**

#### 1. VÓ, QUAL MATO SERVE PARA TOSSE?

##### **Tosse**

... bem pra... pra tosse é joá, quina-quina, pra fazer o lambedor de joá, de quina-quina, é ... muçambê... é pra tosse é bom, muçambê, o chá de muçambê me serve muito, é porque esse negócio meu já tá... já não tem mais cura, já não tem remédio mais que sirva, mas como eu tomo o chá de muçambê eu boto muito catarro, ele serve muito pra mim. Tem uma fulôzinha branca, não é cheirosa não, eu tomo porque... ele fica grande os pés de muçambê, fica do teu tamanho, ele bota aqueles cachos, essa semana Maria foi pra vaquejada e eu mandei ela trazer uma cachinho pra mim, ai ela trouxe. É a flor... pra fazer o lambedor, não carece.. é o joá e hortelã, se quiser botar uma flor de muçambê, e então açúcar, cravo e canela, é muito bom, um lambedor bem feito serve muito pra tosse pra arrancar o catarro.

#### 2. QUAL PLANTA PASSA EM FERIDAS, PEREBA?

##### **Corte-Ferida**

Samba caitá, é... é mato é... tira o sumo dele.

#### 3. E SE A PESSOA MACHUCAR UM OSSO, FAZ COMO?

##### **Torsão**

O que cura com a linha é quando dirmente, é pra dirmentidura, quandoa pessoa tropeça o pé, uma coisa que dá que dirmente, fica que num aguenta, aí a pessoa cura com a linha costurando, mai de mato, é somente assim com a folha de carrapateira.

---

<sup>18</sup> As respostas de todas as perguntas foram mantidas no formato respondido pela residente palmarina Amara Maria da Conceição, sem correções de palavras, pontuações, concordância, etc.

### **Cura com carrapateira**

... a pessoa que tá com coisa quebrada, dirmitido, um pé ou uma mão, uma coisa, aí o oto, a pessoa que vai curar, pega a folha da carrapateira, pega a linha com uma agulha, pega a folha da carrapateira e dobra e bota em cima daquele canto que tá doendo, daquele lugar que tá dirmitiu, aí vai e diz assim, pergunta a pessoa e a pessoa respondendo, a pessoa diz o que é que eu coso, aí a dona da dor o dono da dor diz carne quebrada, perai... o que é que eu curo? A pessoa vai dizendo e a pessoa também, respondendo... o que é que eu curo? É carne quebrada, neivo torto, osso rendido, veia triada, carne machucada, sangue agitado, osso desconjuntado, assim mesmo eu coso, com os poderes de Deus que são virtuosos, aí costurando e costurando e puxando assim na linha assim, eu curava... aí reza um pai nosso, ave Maria, santa Maria e oferece a intenção das 5 chaves de nosso senhor Jesus Cristo, aí a pessoa quando é mais tarde já tá mais melhor. Eu curava, o povo, povo tinha gente que chegava lá em casa quando eu morava ali naquela beira da pista tinha um menino que jogava bola e ele saiu pra jogar bola quando pensou que não já vieram e trouxeram ele numa bicicleta que ele deu uma bolada e caiu, dirmitiu o pé, aí já vieram trazer ele em casa numa bicicleta, botaram ele na bicicleta e trouxeram, aí quando chegou lá o pai dele mandou ele lá pra casa pro mode eu orar, eu benzi o pé dele, depois quando foi de tarde ele mermo já veio caminhando... é que o veio dizia tá vendo, aí eu curei de novo, ele veio de novo, no outro dia curei de novo, fechei a cura, ofereci, pronto ele ficou bom. É porque tem que vim a ota vez pra pessoa tornar rezar e oferecer né, oferecer a reza que rezou... não volta né, a doença, mai de ota vezi que a pessoa curar não serve mais... oferecer a Deus, a nosso senhor Jesus Cristo.

#### **4. QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DOR DE BARRIGA, TEM ALGUMA PLANTA QUE AJUDA?**

##### **Dor de barriga**

Mentruz, boldo é pra quando tá com desinteria...

#### **5. E MAU OLHADO, TEM PLANTA OU REZA PARA ISSO?**

##### **Espinhela caída**

Deus quando andou no mundo, todo má Jesus curou, peitos abertos, espinhela caída e aírcia nosso senhor Jesus Cristo curou e levantou... aí coisa assim a toalha, bota assim, bota assim... mede assim na pessoa, mede assim com a mão aberta, aí assim a pessoa vai e mede... quando a pessoa tá com a espinhela caída, quando a pessoa mede, quando acabar que mede assim fica faltando um pedaço, que esse taco daqui pro cotovelo é o mermo tanto dum ombro pro outro é o mermo tanto quando a pessoa tá certo, quando a pessoa não tá com a espinhela caída e quando tá com a espinhela caída fica passando, quando a pessoa mede passa. Porque as vez pega peso desmarcado aí abre os peito.

## 6. TEM MAIS ALGUMA DOENÇA QUE A SENHORA CURAVA?

### Vermelhão

...Dava vermeião nas perna... é uma doença que tem... que é um tal de mar de monte que dá que a pessoa fica com a perna queimando que só fogo e fica vermeio aí a pessoa cura, ali... aqui tinha um homem. ali que deu no homem, quando eu pensei que não... eu morava naquela casinha ali... aí ele veio mode eu rezar aí eu curei a perna dele ele ficou bom... depois ele morreu, ele era genro daquele veio daquele veio Antonho Muriço, o Antonho Muriço era primo do finado Miguel.

### Reza do vermeião

Pedro Paulo foi a Roma  
 Com Jesus Cristo encontrou  
 Jesus Cristo perguntou  
 Pra onde vai Pedro Paulo  
 Ele disse eu vou curar  
 E zipa e zipela e zipa mar  
 E mar de monte e vermeião  
 E o ramo de fora que passou  
 Na perna de fulano de tal (do nome da pessoa)  
 Aí o nosso senhor Jesus Cristo dixeu:  
 E com quê é Pedro que tu cura?

E zipa e zipela e zipa mar  
 E mar de monte e vermeião  
 E o ramo de fora que passou  
 Na perna de fulano  
 Aí ele disse eu não sei, me diga senhor  
 Aí nosso senhor Jesus Cristo diz:  
 Tira cinza de um lado  
 Azeite de uma vertente  
 Curará sub eternos dentes que passa  
 E zipa e zipela e zipa mar  
 E mar de monte e vermeião  
 E o ramo de fora  
 Que passou na perna de fulano de tal  
 Com os poderes de Deus pai e filho e espírito santo  
 E fazendo, e curando e passando o azeite.. um coisinha na perna da pessoa, passando  
 óleo.. óleo de mamoma quente... é esquentada e coisa um cotonete e vai melando ali naquela  
 vasilha com aquele óleo...

### **Cobreiro**

Cobreiro é... pergunta é o que é que eu curo?  
 A pessoa diz:  
 Cobreiro brabo  
 Aí a pessoa diz:  
 Eu corto a cabeça e o rabo  
 O que é que eu curo?  
 Saltador, fogo saivai e cobreiro brabo  
 Te corto a cabeça e o rabo  
 ... aí corto um pedacinho do talo da carrapateira, aí corta as folhas... porque tá cortando o  
 cobreiro  
 O que é que eu curo?  
 Saltador, fogo saivai, cobreiro brabo  
 Te corto a cabeça e o rabo

...Aí corta de vez um pedaço do talo da carrapateira e o rabo.. aí cura e diz de novo torna a cortar atra vez, três vez... pega aquele coisa da carrapateira bota lá do fogo pra cima num canto lá, quando é no outro dia torna a curar.

### **Dor de vintrusidade**

Deus é o sol... é a dor de vintrusidade se cura assim:

Deuz é o sol, Deus é a luz, Deus é a claridade

Deus é firme na bondade, Deus é o senhor de toda verdade

Deus é as três pessoas da santíssima trindade

Assim como Deus é o sol. Deus é a luz, Deus é a claridade

Deus é firme na bondade, Deus é o senhor de toda verdade

E Deus é as três pessoas da santíssima trindade

Arretire do pescoço do fulano de tal reumatismo, força de sangue e dor de vintrusidade

Saia das carn... saia do couro, sai da carne, saia dos ossos, saia dos neivo, saia das vêias, siaa do sangue, saia das matera e vá pras oinda do mar e pra ilhas dos bicho ferói pra onde não vá ninguém, vá se vá se arretire para nunca mais voltar com os poderes de Deus pai e filho e espírito santo toda mazela vá se arretirar. Aí cura, aí reza o pai nosso... aí quando acabar reza a salve rainha até nos amostre.. passa com fé em Deus passa...

Eu aprendia, letra de imprensa eu aprendia... eu contava, eu contava muita história..

Na fonte da poesia

Fui novamente buscar

Um romance fabuloso

Para o povo apreciar

Da princesa Mar e cruz

E o cavaleiro do ar

Nos confins do horizonte

Em uma aldeia habitava

Um velho pai de três filhos

Que tudo junto morava

Na união santa impura

Assim Deus determinava

E do seu filho mais velho  
O nome era severino  
O segundo era João  
O terceiro Alexandrino  
Destemido para tudo  
Que lhe mandava o destino

Um certo ano este velho  
Botou um grande roçado  
Mas no começo da safra  
Viu-se o velho acabruindo  
Porque todo o seu podruto  
Foi por um bicho estragado

Alexandrino o moço  
Foi de noite atocaiar  
Pra ver se pegava o bicho  
Escondeu-se num lugar  
E a meia-noite ele  
Viu uma égua chegar

Era uma égua dourada  
Os olhos como um brilhante  
Com um ornamento na testa  
Disse Alexandrino eu nunca  
Vi tão linda como esta

Era uma égua dourada  
Os olhos como um brilhante  
Corpo roliço bem feito

Cada casco um diamante  
As crina bem grande e branca  
A calda muito ambolante

Nesta hora Alexandrino  
Em cima da égua cai  
E disse das minhas mãos  
Você se acaba e não sai  
Para nunca mais comer  
A lavoura do meu pai

Disse a égua Alexandrino  
Não me faça crueldade  
Me solte que eu farei  
A sua felicidade  
Nas condição de você  
Dar a minha felicidade

Disse ele o que me dais  
Dizei-me sem falsidade  
Disse a égua eu darei-te  
A maior felicidade  
Nisto ele soltou a égua  
Sem a menor novidade

Disse eu te darei 3 cavalos  
Todos 3 sub-dourado  
Que tu poderá vende-lo  
Por preço bem alterado  
Porque são de um fatio  
Desses outros desusado

Mas o terceiro cavalo  
Não venda ele a ninguém  
O nome dele é cocundo  
Escute o que digo bem  
Que da qualidade dele  
No mundo inteiro não tem

Este cavalo te leva  
Até nos confins dos mares  
Nele tu percorrerás  
Do mundo todos os lufares  
Anda veloz como o vento  
Só viaja pelos ares

O negócio referido  
Alexandrino aceitou  
A égua trouxe os cavalos  
No mesmo instante entregou  
Despediu-se do rapaz  
E dali se retirou

O rapaz vendo os cavalos  
Ficou emocionado  
Seguiu logo pra casa  
Mas no corcundo montado  
Por ser este o que a égua  
Tinha mais recomendado

E quando ele chegou  
Na casinha do sue pai  
Contou logo ao velho  
O caso dos animais

O velho sabendo da história  
Ficou alegre demais

No outro dia Alexandrino  
Precisou ir à cidade  
Pra vender os dois cavalos  
Que tinha necessidade  
O rei comprou sem profia  
Por ser grande novidade